



THEOTONIO FILHO

# Bruno Ragaz

(ANARCHISTA)



**MAGALHÃES & MONIZ, L.da** — Editores  
11, Largo dos Loyos, 14  
PORTO



# BRUNO RAGAZ

(ANARCHISTA)

TYP. DA EMPR. LITTER. E TYPOGRAPHICA  
☉ (Officinas movidas a electricidade) ☉  
178, R. ELIAS GARCIA, 184 - PORTO - 1913

OBRAS DE THEOTONIO FILHO

*D. Dolorosa*

*A Tragedia dos Contrastes*

*Madame Bifteck-Paff*

*365 dias de boulevard*

*Ladra Internacional* (em conclusão)

---

THEOTONIO FILHO

---

# Bruno Ragaz

(ANARCHISTA)

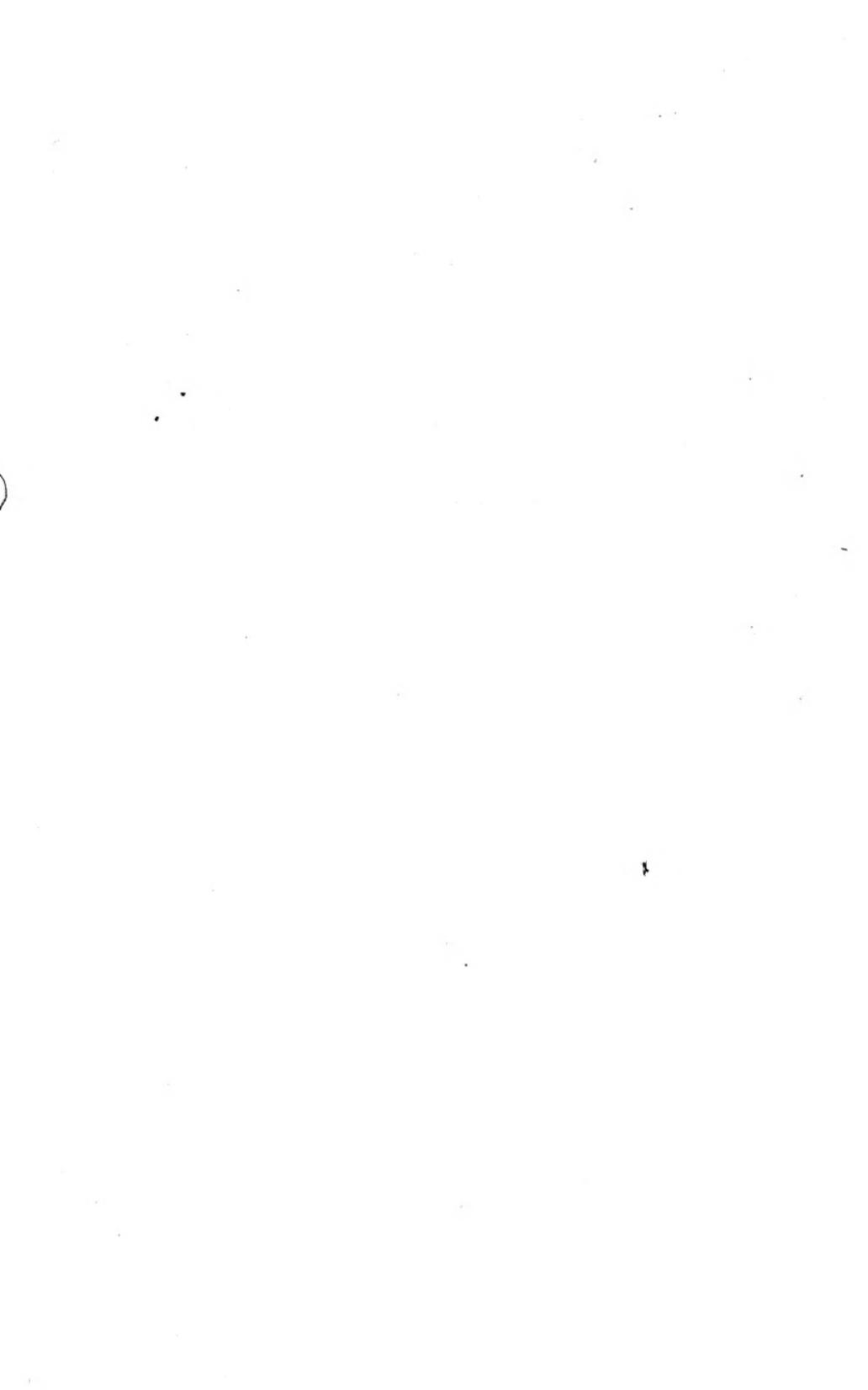


1913

*MAGALHÃES & MONIZ, L.da — Editores*

11, Largo dos Loyos, 14

PORTO



869,9  
F8836

α

*João do Rio*

(PAULO BARRETO)



# BRUNO RAGAZ

(ANARCHISTA)

Oh! que troveje mais forte! Que mais  
violenta seja a tempestade, a grande, a  
maravilhosa tempestade!

MAXIMO GORKI.

2

Èle chamava-se Bruno Ragaz, nascido em Le Vitte-  
lac, na Bretanha. Aos dezeseis anos fugira da cidade  
natal, antes que o expulsassem por crimes imoraes. De  
facto, já nessa cidade, Bruno clamava mal da religião,  
dos homens e das mulheres venaes. Porque? Èle mesmo  
não explicava a evolução voluntaria dos seus sentimentos.

Por uma route d'inverno chegou a Bordeaux, sem  
dinheiro, sem esperanças, sem roupas, sem illustração e  
sem amigos. Procurou uma amante e encontrou numa  
ingleza, mais magra que um cabo de vassoura, a mais  
santa e leal das conselheiras. Ela falava-lhe em amor e  
dava-lhe todos os dias uma merenda magnifica roubada  
da cozinha dos patrões. Bruno não a amava, Bruno não  
a podia amar... Todo o seu desejo estava em obter  
um emprego. Como?

Lia com muita atenção as folhas diarias, lia os anun-  
cios da *Patrie*, os topicos do *Journal*, os folhetins do  
*Petit-Bleu*. Sonhou ser jornalista. Tacteando essa vida  
explendida d'exibições, via-a dourada. No seu cerebro  
formava-se a vaidade exhibicionista dos talentosos, vai-  
dade que faz o cantor se apresentar no palco e o escri-  
ptor se apresentar na vitrine.

Sonhou ser jornalista e foi jornalista. De que forma, não sabia muito bem explicar. Escrevêra uma carta a um homem celebre de estado e esse homem celebre descobrira-lhe talento.

Êle, de resto, julgava que uma estrela o guiaria á gloria e á fortuna. . .

Entretanto, quando pensava na estrela, pensava tambem na familia: o pae doente, a avó doente, tios tísicos, bebedos, irmãs rachiticas, primos degenerados, toda uma prole defeituosa e falha. Contra vn tade da mãe, que lhe desejava uma carta de bacharel, abandonára os estudos no segundo ano. Contra vontade do pae, que o queria burocrata, abandonára um serviço humilhante na estação ferrea da localidade. Partira para ter liberdade, tímido como Jean Jacques Rousseau e como Stendhal. Os homens impulsivos são sempre tímidos.

No primeiro dia de jornal, os velhos jornalistas fizeram pouco da sua roupa còr de macaco, chamando-o, como d'uso entre os reporters, *phoca*. Êle era o *phoca*. . . isto é, o jornalista mais jovem. Mas, protegido pelo chefe, logo uma *sympathia* geral cercou-o no começo da carreira.

Passou o domingo na casa do director — um homem alto, seco, viajado, especie de Fradique Mendes superior e unico. O director apresentou-o á esposa. E a esposa do director estendeu-lhe a mão, protectoramente:

— Ê o nosso *phoquinha*. . .

Então, èle tornou-se o *phoquinha*. Após o almoço, onde tremêra de comoção falando com typos importantes, sentára-se numa cadeira e para distrahir-se, lèra o

unico jornal que havia perto : o *L'epatant* . . . Isto valeu-lhe uma palavra sympathica da directora :

— Meu Deus ! Mas é uma criança ! Lê o *L'epatant* . . .

Depois d'esse dia, Bruno fez a sua carreira. Colaborava no jornal. Escrevia pequenos artigos revolucionarios e contos realistas. Os seus themas predilectos repousavam no amor e na inferioridade feminina. Recebia cartas anonymas, ameaças de morte e desprezos inauditos debaixo de envelopes perfumados. Envaidecia-se, vendo a prova de ser lido.

Uma vez publicou um conto que mereceu reprehensões — a historia d'uma mulher abandonada, pelo facto d'uma gravidez. A scena do aborto era descripta em phrases cruas : o sangue correndo pelas pernas da enferma, o sexo transformado em ferida sangrenta, o corpo transformado em carne inactiva . . . O director disse-lhe :

— Não escreva mais assim. Comprehende . . . A nossa sociedade é burgueza . . . As nossas mulheres, sabe . . . as nossas mulheres . . . são . . . são . . . são . . . francezas de Bordeaux . . .

O grande emulo de Fradique Mendes, reconhecia nas suas ironias levissimas as verdades mais subtis. Bruno Ragaz calou-se e começou a escrever cousas sérias. Ensaiou a critica . . . Os inimigos mostraram-lhe os erros de orthographia e muitas vaidades nas suas publicações onde discutia o *Eu*, repetindo em cada periodo *eu penso, eu quero, eu acho, eu não concordo*, etc.

Então, com a bancarrota da sua literatura, Bruno desvairou. Se escrevia critica, errava ; se escrevia conto, abusava. Odiando os poetas, quiz contudo ser poeta,

mas não conseguiu construir um verso. Deixou de escrever, pensou em ganhar dinheiro, em viajar, em fazer-se amado.

Viajou e foi amado. Conheceu o Japão, a America, Paris, e tornou a Bordeaux, a fim de continuar a carreira começada.

Agora, em nada encontrava dificuldade. A sua estrela brilhava sempre.

Como fosse um «homem viajado» a sua importancia afirmou-se nos meios jornalisticos. Voltou a fazer contos, mas com novas idéas, novas reformas geraes no estylo.

Tactecendo no estrangeiro a miseria humana, tornára-se a principio socialista, e depois anarchista. As suas exclamações predilectas tinham como desejo a liquidação dos governos, a queda dos exercitos, o odio aos thronos e aos monarchas, a felicidade do operario. Amava o operario e odiava o padre. Ah! o padre...

E nas redações, nos cafés, espionavam-n'o. Os amigos murmuravam:

— O Bruno... Mas é doudo!...

O secretario do jornal opinava:

— Este rapaz acaba mal. Um anarchista...

Na rua apontavam:

— Lá vae um dos taes que qucrem a liquidação geral...

As mulheres conversavam:

— O Bruno! O Bruno Ragaz, o sympathico Bruno Ragaz, anarchista!... É até curioso! E se soubessem, romantico! Muito romantico! Ui!...

E a policia, medrosamente andava-lhe na pista. Duas vezes agentes disfarçados rebuscaram-lhe a residencia, á procura de bombas infernaes.

Tudo isto fazia Bruno sorrir.

Sem que percebesse, porém, os intimos, os camaradas de lucta, fugiam d'ele. Um dia, um companheiro discursára :

— Escuta-me, Bruno. Has de concordar... Não é decente o que fazes... Comprometes-nos... Somos casados, todos... e as nossas mulheres, religiosas, todas... A religião é o sustentaculo da sociedade... A religião é a bolacha de cada dia... A religião...

Ele pronunciou ao ouvido do amigo a saudosa palavra de Cambronne e tomou um absyntho. Então, o amigo, para vingar-se, espalhou a novidade.

— O Bruno?... O Bruno, o anarehista, não come... sustenta-se de absyntho...

Na redação foi um alvoroço. Correu-se, murmurou-se. O secretario evitou encontrar-se com o anarchista bebedor de absyntho. O sub-secretario enterrou a cabeça branca nos seus papeis commerciaes. O redactor do dia, *cheio de dedos*, levantou a pena, palido, sem coragem de rubricar originaes urgentes. Diziam: Bruno! Absyntho! Santo Deus!...

E no dia seguinte elle foi demittido do jornal.

Como era cabeçudo, jurou vingar-se arranjando nova colocação. Procurou. Visitou o primeiro periodico que mereceu a sua sympathia.

— Qual! — bradou-lhe o chefe d'esse diatio — O senhor quer ser meu empregado?!... O senhor?!... Mas não

vê que me comprometerá, que comprometerá as minhas transações?!... O senhor é um homem perigoso... Não o posso accitar...

Bruno visitou segundo jornal:

— Está louco!... Nada de ideias novas, rapaz...

Eram as mesmas perguntas indiscretas, as mesmas lamentações servis, os mesmos discursos ridiculos. Todos aqueles homens de imprensa falavam no *prejuizo de Jesus Christo*, no *prejuizo da sociedade*, no *prejuizo da familia*, no *prejuizo da patria*. Os homens, os homens de talento precisavam ser catholicos, republicanos, casados e patriotas. E antes que tudo deviam odiar os pobres!...

Bruno desanimou. Odiar os pobres! E êle que mais que nunca se sentia exaltado pelo amor dos humildes! Via-se, estudava-se, considerava-se. Ha oito anos bata-lhava, escrevia, viajando. Sentia dentro de si um fervor desconhecido pelos homens que levavam as jornadas curvados sobre as machinas ou de enxadas na mão. Amava o operario, o lavrador e as almas branquissimas que vivem nos corpos dos garotos. Pensava: « Onde estão os bons senão nos simples? Onde estão os grandes senão nos bons? O rico poderá ser bom, poderá ser simples? A natureza milionaria se inclinará ao *bem*, comprehendendo o *bom*? » Pensava: « Os ricos têm medo da palavra *anarchia* porque julgam que *anarchia* — desordem — tirar-lhes-ha o cofre forte das algibeiras. Não, a anarchia — amor á ordem — igualará a fortuna, eis tudo. » E a anarchia, (amor á ordem, fraternidade) seduzia-o, enpolgava-o, subjugava-o. Bruno era na sua

revelta um anarchista da mesma maneira que na sua piedade pudesse ser um catholico.

Sem arranjar collocação, sem poder conservar em destaque o seu nome, foi esquecido pouco a pouco. Em breve ninguem se lembrava d'êlé. Roto, miseravel, magro, faminto, teve que fugir para longe.

Viveu nas aldeias, sustentando-se de pão negro. Viveu nas vilas esparsas, sustentando-se com o que ganhava carregando lenha. Trabalhou numa cidade pequena, como carvoeiro. Um dia, longe, convidaram-n'o á ser soldado. N'aquella época preparava-se uma grande expedição ao Senegal. Os soldados conquistariam gloria e talvez fortuna, pelo saque. Bruno negou, horrorisado, preferindo mil vezes a fome em perspectiva á deshonra d'um sabre azinhavrado.

— Porque não accitas? — perguntaram-lhe.

— Porque não. A farda calha bem aos porcos...

— Tu não és patriota...

— Eu não sou patriota...

— Quem és tu?

— Um operario...

— Um traidor... Cão!...

Depois d'isso não pôde mais trabalhar na pequena cidade. Até mesmo os operarios! Tal descoberta maguou Bruno. Parecia-lhe uma hediondez, o operario amar o soldado e a patria. Proseguio mais triste que nunca, mais judeu errante que nunca, mais revoltado que nunca. Gostava-se talvez dos soldados por terem êles botões de metal que brilhavam como riquezas.

De vila em vila continuou a batalhar, discursando

com methodo e sobriedade. Poude demorar numa encantadora aldeia, ponto dourado na margem do Loire magnifico, oito mezes. Ali fainou como ajudante de barqueiro. Que vida bela! De noute, quando todos dormiam, e não havia luzes pelos caminhos, deitava-se na pequena embarcação e olhava o céu. O céu olhava-o pelos olhos das suas estrelas. E os dous se namoravam. . .

Emfim, após muito peregrinar, após muito sofrer, cansou. Não nascêra de certo para carregar lenha, — fraeco, rachitico. Uma saudade extranha da capital provinciana empolgava-o nos minutos taciturnos. Queria rever os antigos amigos, o velho jornal onde conquistára nome, queria saber se estava de todo, completamente olvidado. Uma especie de nostalgia dolorosa prendia-o á lembrança das tiras brancas e das canetas promptas ás batalhas literarias. Ah! com esses papeis brancos e essas canetas, diria todos os pensamentos para bem se fazer entendido. A sua obra d'amòr não seria grandiloqua? . . .

E por uma languida manhã iniciou a viagem de retorno.

Chegou a Bordeaux e procurou os remotos conhecimentos. Como estavam diferentes, os amigos! . . . Casados, gordos, córados, chefes de familia, papás! . . . E tanto eram chefes de familia e córados, que não quizeram ouvil-o. Procurou o antigo protector. Este, abandonára a vida d'imprensa, para não se enterrar n'uma sociedade instavel. Bruno Ragaz achou-se vencido mais uma vez, no logar em que vencêra.

Se com talento, o anarchista intimidasse os amigos inferiores? Para isso precisava aparecer na imprensa. E a imprensa...

— Não... não... — soliloquava o vencido. — Que poderei depois deles? Nada. Eles fazem, porque eles são o que são... Não sou eu um atomo, um doudo, um sonhador, um inquieto? Porque me aperfeiçoei? Porque sonhei o bem, a fraternidade? A igualdade ha de ser uma *blague* enquanto existir dinheiro... Eu seria mais feliz se tivesse ficado na minha peregrinação longinqua, mesmo entre os camponios que amam os soldados...

No intimo do homem, a vida dos outros refulgia diversamente. Ele via os estudantinhos que se formam com as notas mais tristes e resumem os desejos numa estabilidade sertaneja... Ele via os caixeiros magrissimos, sem mais pensamentos que os pensamentos ambiciosos... Ele via os burguezes rechonchudos, os banqueiros calidos, os *escrocs*, os ladrões, os feministas que vivem á custa das mulheres galantes... Ele via os cynicos que vencem pela intrepidez... O que guiava toda essa multidão á victoria? A bondade? Não. Toda essa multidão possuia um lema: o egoismo.

E ele que nunca fôra egoista, como vencer? De maneira nenhuma. Restava-lhe um remedio, um unico remedio, uma unica saída.

Escreveu uma carta que era a confissão sincera dos seus tristes soffreres e que terminava assim:

« No mundo, existem chimeras. Eu sou uma victima da chimera. Mato-me por uma tolice. Mato-me porque a vida é

para o egoista. O egoismo, porém, será adaptavel a todos os temperamentos?»

E alojou uma bala na cabeça...

Paris — Julho 1911.

EM MEUDON



N'essa manhã d'agosto, quando o sol amarelecido espiava pelas físgas do meu apartamento, Dumas Chanchat, creado, batia na porta do meu quarto de dormir.

— Entra ! — ordenei.

E Dumas, entrando, apresentou-me o bilhete : « Esperamos-te na praça da Opera, do lado do Metro, ás 10 horas. Iremos ao campo. Previno-te que, para saúde geral, Juliette Micheline levará no seu fardel pães, batatas fritas e maçãs. — Teu, *Carlos Baden-Baden Mü.* »

Bocejei, tomei café, e, ás 10 horas, encontrei-me no logar convencionado. Como os companheiros esperavam-me alegres ! Juliette Micheline, com o seu vestido branco e um chapeo de palha de largas abas, sorria, cheirando um ramalhete. Andrienne Loger, a esbelta violinista conseguidora d'um premio no Conservatorio de 1910, dava o braço a Carlos Baden-Baden Mü — poeta e meu amigo. Tanto Juliette como Andrienne e como Carlos Baden possuíam disposições agradaveis. Eles receberam-me e Juliette clamou :

— Hoje seremos sabios e serios. Só falaremos d'arte. Comeremos batatas fritas e beberemos agua do Sena. É um castigo e é um consolo. Ordeno-lhe que me dê o

braço, pois como sabe, o meu abandono no mundo fez-me inofensiva.

Ela ria com aquelle poder magico tão conhecido do publico que a aplaude nos concertos particulares de m.<sup>mo</sup> Croinet, em Neuilly.

— Se o senhor e o seu amigo se conservarem tristes como costumam, *quebraremos as cordas vocaes da imaginação em gritos de soccorro*. Agora, em caminho. . .

Marchamos a pé, da Opera ao Louvre, onde tomámos uma barca *directão Suresnes*. . . Em Bellevue saltamos e subimos no elevador.

Primeiro, tínhamos como caso mais grave, o humor. Era necessaria toda folia, toda presença d'espírito, toda bemaventurança. Se conseguissemos resolver o sonho dourado d'arrancar das selvas um pouco de jubilo para as nossas almas enjoadas do ar latrinario do Paris estival? Juliette, a pulchra artista lirica, o fino passarinho das rapsodias musicaes de Mendelsohn, Berthloy e Domenico Scarlatti levava o almoço numa cesta oblonga. Andrienne levava o seu violino. Carlos Baden lhe levava o seu espectro sonhador, lembrando o romance com a violinista — desde a noute ephemera em que, no salão da baroneza de Manville, empunhando o instrumento inspiradissimo, ela espantára, com a interpretação do *Menuet du Septuor*, de Beetowen e com a canção terna e bachica chamada *Le Petit doigt de vin*. Numa conversá amavel haviam feito amizade d'irmãos. Entre protestos e suspiros metiam vilancetes de Charles Tessier e ares de Pierre Guedron e de Antoine Boesset. Até quando duraria o idilio abscondito?

— Não sei. Nunca pensarei nisto — dizia Andrienne. Não gosto de pensar no futuro. Ganhemos o bosque de Meudon, ganhemos a floresta!...

Como velhos albergues dos aluns de Caldecott, os pequenos restaurantes de beira de estrada chamavam nossa atenção. Encantadores, « podendo-se levar almoço », esses cafés afastados atraíam pelo pitoresco, pela frescura, pela graça selvagem. Líamos os títulos saborosos: « Ao prato de ouro », « O velho carreteiro », « A sopa maravilhosa », etc. Nas portas, os proprietários com ares de leões de Nemea, convidavam:

— Tragam almoço! Vendemos excelente cerveja!

— Amolem-se! sentenciava Andrienne.

E mostrando os alvos dentes, guiava o bando para a Chanaan onde os confrades nas tendências e nos pensamentos, buscariam repouso, *voluntatum, studiorum, sententiarum, summa consencio*.

A passos lentos descemos a extensa avenida do *Chateau*, larga, cheia de sombras e repouso. Pares esgueiravam-se pelos caminhos transversaes. Seguindo a rua des Capucines vimo-nos deante da história evocada nas ruínas do castelo de Meudon, incendiado e saqueado, durante a guerra de 1870.

Duas acacias guardavam a entrada do portão medieval. As paredes, ao lado, vacilavam, esburacadas.

— Não se poderá visitar o castelo? visitemos o castelo! visitemos as ruínas...

E Juliette incontinentemente agarrára a grade com as mãos febris, gritando para dentro:

— Aho! Ahoo! Não ha ninguem? Olé!

O silencio continuava tranquilo. Dir-se-ia que dentro daqueles muros jámais habitára alma alguma, jámais alma alguma poderia habitar. Entretanto, com os olhos que investigavam, viamos paredes e destroços e hervas. A herva, na ruína, possuía uma sapiencia piedosa: conservava-se curta e muito verde.

— Sigâmos, então...

Desiludidos duma visita que nos encantaria, continuámos pela avenida Marcellino Berthelot, até á celebre estrada que foi construida para Luiz XIV ir de Paris a Versailles, primeira estrada arranjada com pedras e ainda existente na primitiva disposição. Juliette parecia cansada e triste:

— Não amo Paris! — dizia ela. Não amo o rumor da cidade. Mas quando me afasto do boulevard, é como se perdesse vida ou sangue...

Parando, encostou ao tronco de uma arvore a cesta com o amoço frugal. Respirou passando o lenço pelo rosto, vivendo da selva voluptuosa. Tomavamos alento para continuarmos até mais longe, até a extremidade da floresta. Queríamos um sitio onde raros visitantes conseguissem chegar. Mas de subito, por sobre nós, ouvimos um piar doloroso e convulsivo, alguma cousa d'infantil e comovente. Levantamos as cabeças e deparamos com uma avesita que tentava equilibrar-se num galho finissimo e que piava... piava...

— Que tem ela? É uma andorinha!...

— Ela está doente!...

— Ela sofre calor!...

— Ela está com uma aza caída. Não vêem o sangue?...

Antes que pudessemos terminar, perdendo o equilibrio a avesita tombava. E depois tudo foi loucura e desvario.

O passaro pretendeu reconquistar o vôo e não pode. Vendo os inimigos começou a fugir, aos pulos, aos pequenos pulos, piando... piando...

Os inimigos perseguiram-no. E a lucta entre nós tornou-se terrivel. Pulavamos sebes, evitavamos troncos, evitavamos barrancos. O calor da corrida enchia-nos duma irritação nervosa geral. Tinhamos dentro de nós mesmo os ardores duma colera inaudita. Presentiamos no nosso sangue algo de grotesto e grandioso. Presentiamos na natureza circinal um contraste selvagem e turvo. Corriamos, corriamos. Juliette segurava os vestidos, Andrienne seguia-lhe os passos. O suor colava nossas camisas aos nossos corpos. O passaro ia sempre separado de nós pela mesma distancia, tentando galgar espaços, procurando a aza partida. Corriamos, corriamos.

— Ele cansará! Ele precisa viver!

Glandulas lacrimaes golfavam abundantes dos olhos de Juliette. E Juliette não cessava de dizer:

— A pobre andorinha! Que seja salva! oh, sim, que seja salva!...

Atravessamos um caminho direito e recto, d'uma alvura pardacenta. O sol, espiando pelas folhagens deitava metaes ondulantes. Tudo estava imerso no silencio macio e calido. Corriamos como desequilibrados. E Juliette dizia:

— Oh, a toda a pequena avesinha!... Seguremola que vae morrer nas mãos dos garotos... Oh, a toda, a pequena avesinha!...

Emfim a andorinha foi aprisionada. Juliette, a douda timorata aprisionou o passarinho. Segurou-o pelos pés e soprou-lhe nas penas, ar. A andorinha piava. Ajudada pela companheira, Juliette descolou as plumas donde abroalhavam gotas de sangue. Nutando entre a felicidade e a fadiga, pronunciava exclamações infantis, encorajando a ave ineluctavel. E a ave calava-se pouco a pouco.

Andrienne ajudava-a. Embora cansada, embora molhada de suor, conservava a palidez natural, *paleat omnis amans*.

— Não mais voará! Sua aza está partida! Ela tem a aza direita partida!

Num segundo Juliette resolveu:

— Leval-a-ci. Tratarei da aza... até que possa voar... Leval-a-hei... para casa... Quando estiver curada voltaremos aqui e dar-lhe-cmos liberdade... Será um dia de festa!

Abria os dous olhos azues, considerando-nos.

— Os passaros gostam da liberdade... os passaros e nós...

E recuou até um canto da estrada. Seguimol-a. Através das folhagens avistava-se Paris na bruma, lá longe, desigual e desdenhoso — com a torre Eiffel, ponteaguda, reinando sobre toda a imensidade.

---

# O SAPATINHO

A ELOY PONTES



Pelo fino sapatinho escondido no canto de uma vitrine ele teve uma especie de culto encantador. Vinha namoral-o horas seguidas, mãos nos bolsos, cachimbo ao canto da boca, suportando o frio de janciro e ás vezes, a fome d'um dia de miserias.

Chamava-se Jarbas e morava numa agua furtada. Estudante de direito havia cinco anos, ficara na primeira série do seu curso, sem meios para proseguir a carreira encetada.

Quantas saudades o minavam! A mãe, do sul, mandava-lhe todos os mezes os 90 francos queridos e magros, perguntando-lhe muito ternamente o que ele edificava, si já entrara no ministerio como lhe prometera num longo discurso cheio d'imagens empoladas. E, uma vez, concluíra: «Crê, meu Jarbas, como já te julgo deputado! Que surpresa!...»

O rapaz, sem nada fazer, sofria. Paris era o seu capricho e o seu calvario. A principio rastejando pelos cenaculos do bairro latino, depois pelos *ateliers* dos artistas secundarios, maldizendo com ardor a politica e os homens, acabara com quasi indiferença por tudo. Instalaria-se no seu humilde quarto, esperando.

Esperava...

Então, descobrindo um dia aquele sapatinho pequeno, luzido, elegante, observou-o, desejou-o. Emfim indagou-se intimamente: « para quem?... » Não acalentava nenhuma paixão, não alimentava nenhum idílio amoroso. Sahio de junto da vitrine sem mais pensar na passageira phantasia. Mas dahi a uma semana, em transito pela mesma rua, novamente vio o sapatinho. E começou para o rapaz uma obsessão torturante pelo *mignon* objecto. Sonhou com ele, sonhou com o amor, teve mil aereos projectos. Antes que tudo, porém, eram necessarias duas conquistas principaes: uma mulher e o dinheiro...

Tratando primeiro da mulher, julgou achal-a em Marineta Foy, uma lourita gentil que morava tres portas depois da sua. Iniciou o namoro, encontros propositaes na escada.

— Menina Marineta!

— Oh! senhor Jarbas!

— Perdão! pode passar...

— Não... passe o senhor!

— Absolutamente... passe, menina!...

E os dous a discutir, até que ela se decidia a ir na frente...

Em baixo:

— Adeus, senhor Jarbas!

— Boa viagem, menina Marineta... O tempo não está máo...

Olhava-a desaparecer com o seu regular saracoteio de costureira...

Uma noite abordou-a. Quiz falar em amor. Teve uma phrase ridicula, um qualquer desproposito que arrancou risadinhas da outra, enfiando-o. E por isso acrescentou como a se salvar: guardar :

— Por que ri, menina ?

— Por nada... O senhor... Ah! Ah! Ah! Ah!  
Ih! Ih! Ih!

— Pois — interrompeu ele — si a menina estivesse aqui dentro de meu coração, choraria em vez de rir!

— Sim? — perguntou ela, interessada.

— Sim... O meu coração sente muito pela menina...

— Por mim?... Ah! Ah! Ah! Ih! Ih! Ih!

— Ele ama muito a menina...

— Pois vou consolal-o... Ih! Ih! Ih! Ih!

E Marineta estendeu-lhe a mão que ele arrebatou. Ela ria, ria sempre com essa facilidade cynica das *midinetes* conhecedoras dos vicios e das fraquezas do proximo, apiedadas e ao mesmo tempo enojadas da pobreza e da riqueza. Entregou-se-lhe d'ahi a dous dias, chamando-o entre tres beijos e uma mordidela que o fez chorar, « o seu unico amor »...

Foram amantes. Que alma indecifavel, a d'ela! Mudava, variava, mansa, encapelada, hedionda. Ele jamais a comprehendeu. Não sabia de que modo abrir-lhe os braços nesses curtos dias d'aconchego sentimental. Acabou depressa por temel-a. Procurando ser amavel dizia-lhe palavras bem feitas. Ela respondia :

— Oh! como estás presumpçoso!

Depois arrependia-se. E em seguida, como o visse triste, choramingava :

— Não sei que comparação encontre! Pareces uma coruja...

Então Jarbas jogava-lhe *calhembours*, trauteando cançonetas joviaes.

— Irritas-me... Acaba com isso...

Um casal desegual, singular. Ele só tinha delicadezas, infantilidades, alguma coisa de pueril e suplicante. Ela só tinha contrastes, sem uma alma definida, sem um character estabelecido. Era uma pequena *midinette*...

E o idylho durou quinze dias. Com o seu movimento Jarbas sofrera muito, torturado pela idéa da pobreza. Adivinhava que Marineta seria sua, sem arrufos, sem maldades, si a pudesse mimosear, vestindo-a, passeando-a, polindo-a. Marineta era mulher. Quem já conseguiu desmentir a verdade de que o intimo da mulher é de quinquilharias e de rendas?

Jarbas desvairou. Nesse tempo tornou-se maior a sua outra paixão: a do sapatinho que, luzindo mais que nunca, o espiava do fundo da vitrine com um sarcasmo lugubre, lascivo. Jarbas namorava-o, mãos nos bolsos, tendo os projectos mais desencontrados, até estabelecer de todos o mais passivel. Escreveu á mãe uma longa carta untada d'afecção. Mentia-lhe sobre uma grande festa a se dar na Faculdade, «uma festa historica com concurso dos lentes, das senhoras da alta sociedade e do mundo official». Abusandó da crença da ingenua provinciana, Jarbas entontecia-a com as seguintes palavras: «Toda esta orgulhosa sociedade do bairro d'Etoile comparecerá. Todas estas mulheres que governam o globo pela formosura e pela riqueza honrarão a nossa

cara Universidade. A minha querida mãe faria um sacrificio remetendo-me adiantado os dous mezes que se seguem, etc... etc...»

A pobre mãe fez o que qualquer mãe faria. Antes, porém, mandou um telegrama ao filho, tranquilizando-o. Jarbas alegremente correu ao encontro de Marineta.

— Preparo-te uma surpresa, Marineta.

— Que surpresa?... .

— Uma surpresa...

Ela abraçou-o desculpando-se do que fazia de mão. Cantou-lhe aos ouvidos as coplas do «Nunca saberás», a breve, melancolica e singela canção das costureiras. E esperou pela surpresa.

Passou-se o primeiro dia, o segundo dia. No terceiro abordou-o :

— A surpresa, querido?

— Amanhã... ou depois...

Mas ainda no outro dia não veio a prebenda materna. Marineta reprehendeu com doçura :

— Como?... Pois tu me fazes isso?... E eu que julgava que me amavas...

Emfim, no decimo quinto dia do idyllo, ás onze horas, elle recebeu o dinheiro, cento e oitenta francos, dous mezes... A mãe pediu-lhe desculpas da demora, «que todos em casa andavam adoentados e por isso as despezas um pouco pesadas»... Jarbas, pulando de contente, organisou o seu programa: um passeio aos campos, um espectáculo no Gaité, um jantar no Zucco, bonbons e... antes, o sapatinho, o querido, o apodico sapatinho.

Correu logo á casa em cujas vitrines se pavoneava o luzido invejado, justamente do tamanho dos pés de Marineta. Contemplou-o victoriosamente, lambendo os beiços com impetos de bradar aos que passavam: « É meu, será meu, pertencerá a Marineta... não conhecem Marineta?... »

Entrou, comprou-o. Sahio aos pulos assobiando. Perambulou por ali, por além, fazendo horas para se encontrar com a amante. Esta chegaria do armazem ás cinco...

Paris pareceu-lhe então soberbo. Com que magestade silenciosa seguio com a vista as mulheres bonitas reclinadas em automoveis, as raparigas que se ofuscavam em galerias envidraçadas, os grupos ruidosos que desciam para os domicilios! Não pensava nos estudos nem naquelas cousas minuscultas que o tornavam ás vezes tão macambuzio, agora victorioso, pleno de novas forças, de novas energias, de novos designios. O seu thesouro entre mãos era leve e intocavel como os dum mago. Quando despertou do sonho em que o mergulhára a felicidade, um relógio, na frente, marcava 3 horas e 15 minutos. Atrazado... Deitou a correr galgando a quatro e quatro os degrãos da escada de casa. Passou como um furacão por deante da sua porta, parando na terceira, depois. Respirou aliviado, escutou. Bateu tres pancadas leves e tremulas.

— Quem é? indagou Marineta.

— Eu!...

Nada. O silencio cahira sobre o estreito corredor. Elle soliloquava: « como vai ficar louca d'alegria! Julga que não sou eu... » E bateu pela segunda vez.

— Quem é?...

— Eu, Marineta!... Abre...

Ela não vinha abrir. Êle estranhou o facto, subitamente preso dum desassocego augmentativo. Que tolice! E bateu pela terceira vez.

— És tu, Jarbas!... Não te posso atender, vae embora... Já me irritas!... ora essa!... Bate na porta da vizinha...

Aquilo produziu no rapaz um brusco, um terrivel desespero. De repente fez-se-lhe a luz no cerebro. Surgio-lhe a imagem inocente da mãe, entre êle e aquella porta fechada. Vio a quanto o conduzira o desdem da rapariga, mutativo e desinteressante. Olhou o embrulho diminuto e os seus olhos se marejaram dagua. A vizinha de Marineta herrava agora, com esgares califonicos:

— Tu... as tuas surpresas... Ah! Ah! Ah! Ah!... Um reles estudantinho... Ih! Ih! Ih! Ih! Ih! Jarbas... procura outra, meu filho...

E abrindo a porta e mostrando a cabeça nua:

— Quanto a mim, já me arranjei!... Ah! Ah! Ih! Ih! Ih! Ih!...

Êle nada disse, nada fez. E quando a porta se fechou, poz-se a chorar como uma criança, a morder o objecto comprado, estraçalhando-o com os dentes, estraçalhando-o com as unhas.



## A INSCRIPÇÃO PIEDOSA

Nós afrontamos com os presagios : ha uma providencia especial até para a queda d'um pardal. Se a minha hora chegou não está para chegar : se não está para chegar, chegou. Que seja agora ou para o futuro, estejamos promptos. Eis a que se resume tudo. Visto que o homem não é dono do que deixa, que importa que o deixe cedo ?  
(*Hamlet*, acto v).

SHAKSPEARE.



## I

Neusa Herminia, cincoenta e sete anos, morreu hontem na Santa Casa.

Conheci Neusa Herminia ha tempos. Vi-a uma noite pela primeira vez, sentada no seu banco de porteira, numa pensão. Era um belo typo de velhinha bondosa, de velhinha amavel. De còr branca, d'olhos pardos, de cabelos raros amarrados num repelão por baixo do fichú azul, falava harmoniosamente, com uma velhaca finura que lisongeava.

Chovia. Eu voltava d'uma excursão e procurava onde repousar por aquela noite d'inverno. De parando-se-me aquella casa alegre, de grandes janelas abertas ao ar da cidade, encaminhei-me para lá.

— Descansa? — indagou Neusa.

— Não senhora. Ao mesmo tempo... ficarei. Nem sei...

— Á vontade, senhor. Póde subir...

Ela guiou-me com uma vela acesa. Atravessámos dois corredores até ao quarto 45.

— Póde entrar. . .

Imediatamente retirou-se com discreção. Ouvi o seu chinelo arrastando-se pelo caminho percorrido, descendo para o posto heroico. Despi-me, deitei-me, adormeci.

No outro dia, fizemos a nossa mutua apresentação. Ás 11 horas acordei e ao sair, ela appareceu-me no corredor.

— Bo.n dia. . .

— Passou bem a noite?

— Sim, obrigado. Vou sair. Voltarei.

Antes, porém, de passar fui atalhado por uma pergunta que me deixou estupefacto. Neusa, dizia:

— Senhor, é casado?

— Não. . . respondi.

— Então. . .

E parou enleada, quasi ruborizada na pele lactea de pergaminho. Imitando-a, juntei o meu silencio ao seu silencio.

Nada pronunciámos, em frente um do outro, á espera eu, desse mysterio encerrado em pergunta tão extemporanea, ella á espera, que eu lhe tolhesse o embaraço com uma phrase libertadora.

— Porque? — interroguei, com certa impertinencia.

— Por nada. . .

E afastou-se, arrastando os chinelos, escada abaixo, a boa velhinha Neusa. . .

## II

Dois dias demorei nessa pensão e entre nós estabeleceu-se uma intimidade captivante. Ela interrogava, abelhudando, decorando palavras minhas. Era toda feita de sentimentalidades e de doçuras. Era catholica. Rezava todas as noites, ia á missa, ia aos cemiterios e depositava sobre o tumulo da mãe, aos domingos, uma braçada de flôres.

— Ah! senhor — dizia — que seria de nós, si não fosse a religião? Almas penadas! Almas penadas!

— Tens razão, Neusa. . .

E a minha aliança enchia-a d'uma alegria untuosa. Quando no segundo dia lhe comuniquei que me ia, que já achara casa, traio no rosto um espanto terrivel.

— Como? Já se vae? . . .

Pedio-me com a voz tremula, que a visitasse. Isolada, nos seus cincoenta e sete anos batidos, não tinha com quem conversar, uma creatura amiga que a ouvisse, com quem trocasse idéas, que a suportasse n'alguns carancismos. Naquela casa de pensão, vivendo do emprego arranjado ha seis mezes, só faltava morrer d'abandono. Divertia-se pouco com o eterno vae vem de hospedes, caras sempre novas, renovadas, suspeitas. Sobretudo, assustava-a o odio que todos esses hospedes pareciam ter uns pelos outros, inveteradamente.

Diante da supplica de Neusa, accedi. É notavel, direi mesmó, é encantadora, a narrativa da camaradagem

que nos tornou excelentes amigos. Desde esse dia de despedida, sempre que tive ocasião visitei Neusa. Ela recebia-me, abrindo-se num riso amplo de franqueza. Indagava-me da saúde, dos negócios, dos amores.

— O seu nome — disse-me um dia — arranca-me recordações sem fim. Não sei... parece-me que... e comtudo...

Nesse interim, atrapalhando-se, silenciava com aquele ar assustado da primeira pergunta.

— Comtudo... o que? indagava eu.

— Nada — obtemperava.

Suspirando, punha-se a falar sobre a sua mocidade.

— Fui moça, ouve?... tinha 17 anos quando julguei amar... tinha 17 anos... Não imagina o que são os dezeseite anos... duma mulher: arroubos, languidez, devancios, esperanças, subitas paragens de pensamentos... Comprehende?... Sinto-me enthusiasmar, desculpe-me. Ha muita gente que vive da comoção que a lembrança do passado póde trazer. Mas, voltando ao assumpto, julguei amar um rapaz... Ele foi-se um dia, para não mais voltar...

E a boa velhinha desatava o rosario das recordações. Havia entretanto um mysterio em todos os seus dialogos. Contava amores e epilogos com infelicidades. Alfim desabafou:

— Tantos! E nenhum feliz!... Enganada, desenganada, desesperei-me... Como é triste o calvario!...

\*

\* \*

Dias depois, procurei Neusa. Encontrei, porém, o banco de porteira com outra figura. Indaguei da substituta.

— Foi despedida, informou-me a nova empregada. Deixou, porém, uma carta... O senhor veja se é para si. Rasguei o envelope. Li :

«Sou jogada na rua, meu querido amigo. Para onde irei? Nem sei. Meu Deus! Tenho cinquenta e sete anos, já é muito... Estou velha, sem esperanças na vida, incapaz talvez de qualquer ação digna d'elogios, pela minha idade. Oh! a idade. Ela é tudo... Quando eu era moça, era infeliz, mas tinha amigas, conversava, iludia-me. Cresci, porém, d'anos, augmentei de desgraça, estou prestes a terminar. Entretanto, que poderei dizer da vida, aqui, nesta cartinha de despedida? Nada. Sómente uma revelação que nunca lhe fiz. Sou solteira, seca, mirrada pelos amores que julguei ser digna de possuir. Ouça bem... Nesta idade que vae para o cemiterio, posso reconstituir a chaga para lh'a apresentar em duas palavras. A minha desdita provém dos meus paes: minha mãe morreu no hospital, meu pae morreu de *delirium tremens*. Bebiam ambos. Em semelhante meio, achava-me deslocada, muito infeliz, muito doentinha, necessitando do carinho que não me era dado. Fiz-me moça. Então essa necessidade de carinho augmentou, augmentou muito; tornou-se o elixir precioso. Eu sonhava. E como eram os meus sonhos movidos de meiguice! Sonhava um noivo, um companheiro dedicado que me cumulasse de carinhos, passeando comigo, vivendo para mim como irmão. Beijar-lhe-ia as mãos e pediria carinho, sómente carinho. Vieram os namoros, as promessas, os enganos. O meu primeiro amor, durou pouco, o segundo mais... Amei tanto! Tive muitos noivos que me deixaram, que me abandonaram. Porque? Era uma unica vida de miseria sentimental. Repelida aos dezeseite anos, fui repelida aos vinte, aos vinte e cinco, aos trinta... co-

mecei muito cedo a envelhecer. Nunca amada, acredite. Um horror de desgostos encerra esta velhice prematura. Só, fui tudo, arrastando-me com as vestes em penduricalhos de porta em porta, de desventura em desventura. Depois, nessas peregrinações.....

«E peço-lhe uma coisa, meu querido amigo, é que não me odeie pela audacia desta carta. Mas julgo que é muito bom, *tenho a certeza* desde o dia em que o vi,— pensando em tantas coisas, pensando até que já poderia ter um filho da sua idade. Hoje nada tenho. Sómente a certeza de que, recolhendo-me ao hospital, deixarei em si um amigo que não me amaldiçoará, que não me desprezará. Eis a saudade da pobre creatura que nunca possuiu afago, possuindo exclusivamente infortunio—*Neusa* ».

### III

A leitura desta carta tão franca, chocou-me, preocupando-me. Saí meio tonto de comoção, apiedado infinitamente pelo remate da pobre velhinha. Pensava em todo o nosso conhecimento curioso, em toda a nossa camaradagem de confidencias penosas. E pensava ainda mais no seu estado, no fundo do hospital, branca e delicada como um pequeno *croquis* de Lino Selvatico.

Uma força insuperavel arrastou-me á Santa Casa. Indaguei, procurei. Neusa Herminia morrera naquele dia, como um passarinho. E morrera sem ninguem ao lado, sem uma palavra de consolação, abandonada como sem-

pre fôra. Então resolvi, eu, que fôra o unico a comprehendel-a na passagem pela terra, resolvi escrever sobre o seu tumulo uma inscripção compassiva :

DESPREZADA EM VIDA, PORQUE AMADA DEPOIS DE MORTA?

E ahi está nessa inscripção, a historia de sua desdita, misericordiosa, sem reticencias.

---



# SUA ESPERANÇA

Para a miscelanea de Claire Daligand-  
Louis.



— Pequena amiga, é você?

— Sim, sou eu...

— Gentil em ter vindo!

Arrebatando-lhe o chapéo e a capa, cobria-a com dous beijos ardentes. Ela defendia-se, risonha.

— Não... Deixe-me descansar...

Apresentou-lhe uma cadeira. Ela sentou-se, sorrio ainda, passou as mãos pelos cabelos.

— Demorei-me muito?

— Tres minutos d'atrazo...

— Ah! Ju'gava mais... Sente-se ao meu lado...

Quer ficar de pé?

Êle sentou-se. Ela fitou-o e sorrio mais uma vez, porque sorria a qualquer instante, abrindo a boquinha rosea e dilatando as faces roseas e frescas. Chamavam-se Bournino e Pierette, ainda jovens, aos vinte anos... Trabalhavam no mesmo *atelier* da rua do Helder; como todos os operarios parisienses: activos e alegres. Quanto ganhavam? Uma bagatela, o essencial para não morrerem de fome. E de tanto se olharem na mesma grande mesa de faina e de tanto conversarem á sahida do officio, quando as grandes casas dos *boulevards* acendiam

suas alampadas enormes, tinham acabado por se quere-rem com uma amizade maior que uma irmandade e tão franca como uma irmandade.

Bournino, entretanto, impaciente, exigia receber o seu *beguin* — como afirmava com uma contração de doçura e medo — exigia recebê-lo no seu quarto de solteiro, nesse sétimo andar da rua Montorgueil onde sonhava e onde penava. Mas Pierrette defendia-se, medrosa.

— Não... Não... Quando formos casados...

— Que mal faz! Você entrará, eu conversarei e você partirá! Tão simples! Domingo... Domingo...

Enfim ela acedeu. E foi. Era pelo inverno, no começo dos grandes frios e das tempestades de neve.

Agora, tendo a certeza do desejo rebuscado, Bournino intimidava-se. Poderia acreditar que essa moçoila de vinte anos, rechonchudinha, rubra, cheirando a província, fosse a sua Pierrette, a companheira de *atelier*, a deliciosíssima companheira de palestras? Mas então a felicidade era possível? Mas então o amor era provável?

— Se soubesse! — E tomava os dedos da pequena amiga, acariciando-os, falando devagar — Se soubesse! Como estou contente!... Sim!... Como estou contente! Se não viesse, morreria de tristeza...

Ela diria as mesmas cousas; o acanhamento porém tolhia-lhe palavras e gestos. Êle continuava, tremulo:

— Não será como nos romances, com toda a franqueza... Para que mentirmos, sofrermos? Casar-nos-emos e viveremos... como os casados que são felizes...

Faremos as contas, os projectos, os calculos, com algarismos, silaba por silaba... Quanto pagaremos de quarto? Cento e cincoenta francos anuaes, num bairro afastado, em Belleville... Sim... moraremos num quarto... a cama... um *toilette*... uma mezinha... um fogão... duas cassarolas, cinco pratos e duas chicanas... Nas paredes colaremos gravuras da *Illustration* ou do *Femina*... Viveremos como operarios que somos... Você fará o almoço ao meio-dia, quando folgarmos do *atelier* e o jantar ás oito e meia, quando sairmos do *atelier*... Compraremos a comida, em caminho... E será gentil!... Como nos romances, agora...

Ela respondeu, semicerrando as palpebras :

— Sim...

Êle continuou :

— Eu ganho tres francos por dia... Você ganha tres francos por dia. Isso faz cento e oitenta francos, por mez...

Ela sonhou :

— ...cento e oitenta francos por mez...

E depois, tomando alento :

— Viveremos. Serei sua e não farei falta a ninguem. Somos tres irmãs, tres operarias, e moramos separadas porque não somos unidas... Minha irmã mais velha amaziou-se com um alfaiate e vive em Batignolle... A outra embarcou para Dakar, com o amante, sargento do Exercito colonial... Ambas trabalham. Sou a unica solteira. Vivo só... e é triste, muito triste... é muito triste viver só, não acha?...

Da rua subiam os rumores do comercio miúdo. As

grossas vendelhonas de cebolas e de frutas, arrastavam penosamente as carretas onde guardavam mercadorias. Um agiota gritava, numa escada em face, comprando uma roupa. Adivinhava-se a visinhança do Mercado...

Bournino tomou a palavra :

— Acho... e é por isso que nos vamos unir... Estamos bem, um para o outro... e depois, sabe?... Eramos também tres irmãos... tres irmãos sem pae... Onde estão cles? Desde que nos separámos, já lá vão doze anos, não nos encontramos uma só vez... e talvez não nos conheçamos se nos encontrarmos um dia... Como não tenho familia, necessito dum concheço... Amanhã irei á *Mairie*... Ah!

E'a atalhou-o :

— Á *Mairie*... Quanto gastarèmos?

Èle respondeu com desgosto :

— Não sei.

E dialogaram :

— Será caro?

— Talvez.

— Meu Deus, deve ser caro!

— E o casamento religioso também... o civil e o religioso...

— Ambos... A felicidade custa...

— Paga-se para ser abençoado pela igreja.

— Sòmos tão pobres!

Tinham dito bastante para entristecerem. Uma mesma duvida os empolgára nessa série de pensamentos e de verdades pronunciadas. De repente viam o aureo sonho bipartido. Casar? Como? O casamento era uma

exibição acessível ás creaturas de dinheiro. Um pobre amazia-se. Um rico vai á igreja e casa-se — tem testemunhas e é respeitado — após um jantar gordo e uma ceia á champagne. Êles? Êles?

E Bournino fez :

— Nós, os pobres operarios, os desprivilegiados, não podemos dar expansões a certos luxos. O casamento — um luxo!...

E Pierrette murmurou :

— Desgraçadamente !

Bournino retorquiu :

— Juntaríamos algum dinheiro, mas em quanto tempo?... E depois? Pagar o quarto, a mobília, alguma roupa...

Pierrette suspirou :

— Não nos podemos casar...

E num soluço :

— Eu tinha esperança !

Aquilo era patético, duma doçura innocentissima — patético como o prologo dum idílio... Entre dous seres humildes, a scena iluminava-se de certa suavidade. Bournino, timido, e Pierrette, tímida, lamentavam a mesma desilusão. E prestes a chorar, gozavam uma dolorosa volupia em sentir pela imaginação o desfilar de todes os projectos, um por um. Saíndo do *atelier* desciam a rua do Helder, o boulevard dos Italianos, o boulevard Montmartre, despediam-se na esquina da rua Poissonnière, perto da rua Montorgueil. E eram sempre as mesmas conversas, as mesmas caricias. Morariam em Belleville... E depois... E ainda... Que quer a lei-

tora? Agora, escrevendo estas linhas, eu sei, eu tenho a certeza de que oitenta milhões d'almas fazem os mesmos projectos que Bournino, as mesmas frases que Pierrette e os mesmos olhares que Bournino e Pierrette. A Humanidade não é toda dourada — o que quer dizer que não é toda composta de ricos e snobs... E para ela, infelizmente, ha escritores que se ocupam dessas descripções penosissimas...

Quadro fraco? Incolor? Não. Talvez sómente o paisagista tenha esses defeitos. Bournino raciocinava dum lado e Pierrette raciocinava de outro. Unia-os tambem pensamentos, pois ambos pensavam coisas identicas. Pensavam que poderiam dum golpe alcançar essa felicidade que se oculta detraz do casamento. Como operarios deveriam possuir a liberdade e a audacia. O operario faz o que quer. Os seus escandalos passam despercebidos — e serão escandalosos?... Vá! De certo que não. Porque pois a preocupação do irrealizavel casamento? Si não tinham dinheiro para o padre e para a igreja, que não fossem nem ao padre nem á igreja. Se não tinham dinheiro para os documentos civis, para as estampilhas e para o tabelião, que não fossem á *Mairie*. Amavam-se? Que se amassem... Tão simples! Um pequeno beijo, um pequeno passeio, o aluguel dum quarto mais amplo e a tranquillidade...

Bournino colocou os factos nos eixos, rompendo o silencio :

— Que faremos, Pierrette? Amas-me? Queres-me?

— Sim. Viverei contigo.

Èle disse ainda com timidez :

— Eu sabia. És minha esperança.

— Sou tua esperança. . .

E caíram nos braços um do outro. Foram castos. Passearam pelas margens do Sena, até Passy e descansaram num banco dos Campos Eliseos, vendo passar as carruagens. No outro dia organisariam a vida, pois receberiam a quinzena escoada no sabado anterior.

Eram felizes ou não? A leitora responderá naturalmente que sim. Eram felizes porque tinham esperança. Amor casa-se com esperança. . .

Razão pela qual, ás nove horas do noite, após jantarem num restaurante do *faubourg* Saint-Denis, despediram-se com estas phrases tão simples :

— Até ámanhã, Bournino, meu amado. . .

— Até ámanhã, Pierrette, minha esperança. . .

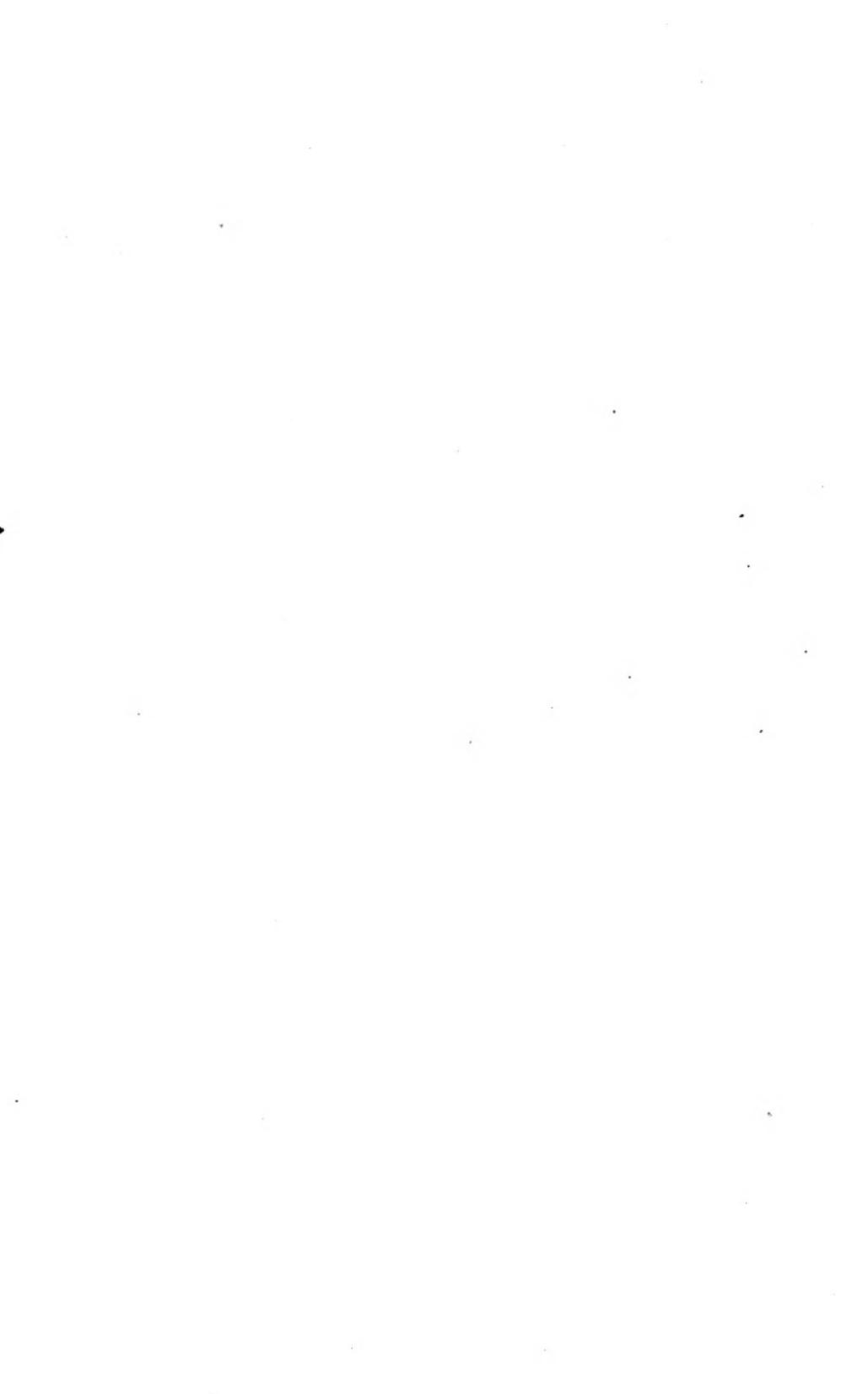
---



## UMA VERDADE

O roubo?... Para qualquer lado que se olhe, não se vê senão o roubo... E naturalmente são sempre os que menos teem, que são os mais roubados e roubados por aqueles que têm tudo... Mas que fazer?...

OCTAVE MIRBEAU



— Valha-me Deus! Valha-me Deus!

De janela em janela estendendo a minúscula mão descarnada, transida pelo frio, Conceição esmolava. Ah! pequenita! Onze anos e a mamã bebedeira...

— Meus senhores... Valha-me Deus!...

Porque não lhe davam um vintem? Os homens eram maus assim? A pequena roía as unhas para não estalar de fome. E aquele frio, e aquela neve, Jesus!

— Valha-me Deus! Valha-me Deus!

Seguindo, esbarrando nos lamaçais, sem ousar penetrar nos cafés, onde a chamavam olhares cretinos, cansava, pernas bambas, vestido pingando chuva, colado ao corpo. Seguia... Seguia...

Em casa, era um reboiço, uma mixórdia, os irmãos seguidamente mortos, a mãe a esmurrar-a como se ela não fosse a única filha, entrando alta noute com a cara hedionda, a boca entulhada de descomposturas. Pela manhã jogava-a porta fóra, gritando: «mendiga! mendiga!» Obedecia. Levava-lhe os vintens dos bolsos mais expansivos. E doía-lhe o coração de bôa menina, ver a *grande* enterrar o seu esforço nas tavernas, ao lado de homens que muito a maltratavam.

Nesse dia de inverno, ninguém a socorrera. Um policia quizera arrastal-a ao xadrez. Fôra vencido porém pelo seu ar indigente, os seus grandes olhos suplices onde pareciam boiar historias de molestias hereditarias.

— Deem-me que comer... tenho fome...

Não a ouviam. Ha certamente instinctos perversos sugeridos deante de trapos. Quem já conseguiu definir o indizível d'essa maldade dos grandes sobre os pequenos, essa maldade que faz os primeiros se habarem de volupia por saber que os segundos sofrem?

A pequena Conceiçãozinha sufocava na atmospheria opressiva armada pelos mulambos que envolviam o seu esqueleto fisico. Que fazer? Andar para a frente...

A' sua passagem, murmuravam:

— Vejam! — dizia uma velha com pretensões a passaporte celeste — Esta pequena está perdida! É vagabunda!

— No meu tempo, — dizia outra — as crianças não ficavam sós... E ainda pede esmola!... Vá!... Fuja!...

E em côro repetiam, pervertidas pelo bem estar:

— Eh! vagabunda!... Fuja, senão apanha. Eh! vagabunda!...

A pequena ouvia esses desprezos canalhas: «Valha-me Deus! Valha-me Deus!» A chama da fome estendia-se-lhe até o cerebro. Um calor intimo queimava-lhe as entranhas. N'uma esquina encontrou um homem. Esse homem disse-lhe:

— Não sou teu pae!

Adeante encontrou uma mulher. Essa mulher disse-lhe:

— Não gosto de miseráveis !

Mais adiante encontrou uma criança. Essa criança gritou irritada :

— Oh ! que me causas nojo !

Ela estava então junto d'uma vitrina guarnecida de fructas. «Valha-me Deus!» Seus olhos devoravam o esplendor dos comestíveis. Brillavam-lhe nas pupilas clarões d'amarga energia.

E parada, batalhava com a consciencia e o estomago. Roubar!... O roubo não seria crime, praticado sob taes condições...

As suas mãos magras avançaram para empolgar, para raptar... tocaram n'um fructo cubiçado. E emquanto uma alegria consoladora lhe inundava o peito mirrado, ela deitou a correr como uma desesperada, pelos becos, pelas ruas, saltando poças de lama, escorregando aqui e alem. Parou enfim n'um canto de praça deserta. Trincou a fructa. Comeu o roubo. E mastigando, olhava o céu pardo, pensando com a sua activa intelligencia de criança em toda a maldita desfaçatez balanceiada na desigualdade que faz os ricos estafarem os pobres e os miseráveis se sustentarem do odio e das lagrimas contra os ricos. Tinha por isso, ao terminar, um desabrochar flagrante d'aliança á revolta que para o futuro será a grande victoria assignalada pela conquista do pão...

---

7

## MAMZ'ELLE GLU-GLU

D'uma ocasião, sósinho no meu quarto, eu considerava uma rosa branca que emurcheçia num copo, tão triste! Disse-lhe assim: tu sofres! Ela curvou-se mais sobre a haste, aquiescendo, e vi-lhe duas lagrimas nas petalas. Nunca pude saber quem fosse esta mulher.

FIALHO D'ALMEIDA



Conheço Mamz'elle Glu-glu. De resto, nada ha d'admiravel n'isso, pois todo o mundo conhece Mamz'elle Glu-glu.

Alguma cousa de mais interessante porem que um simples conhecimento me detem a contar a sua historia, tragica para muitos, mediocre, mas verdadeiramente humana.

Mamz'elle Glu-glu tem vinte anos. Ela mesmo encarregou-se de me relatar esses vinte anos terriveis, torturantes. Nascera no norte, plebeia, e conseguintemente não era bonita: os normandos conservam n'um rosto grosseiro, um nariz rude e um acanhamento desagradavel. Mamz'elle Glu-glu, comtudo, possuia um corpo esguio que poderia ser, se quizesse, elegante. O seu perfil define-se assim: magra, alta, feia, olhos amortecidamente castanhos, cabelos côr d'abobora, pescoço de girafa. E eis tudo.

Um dia Renato Alvim entregou-m'a com estas palavras:

— Eis ahi um bonito caso... Observa-o... Mamz'elle Glu-glu é uma nevrotica e uma imbecil...

Felizmente Renato falava baixo. Sem nada compreen-

der, Mamz'elle Glu-glu olhava-nos risonha. E como Renato se retirasse, ella começou :

— Já nos conhecemos, não é ?

— Sim, — respondi.

— Na esquina da rua Tronchet...

— Sim...

— Á espera d'um *Tramway*...

— Sim...

— Chovia !

— Sim...

— Bem.

Ela soltou a sombrinha no encosto do divan sobre o qual se sentava. Silenciou dous minutos pelo menos, enquanto eu, acendendo o meu cachimbo, esperava com fleugma. Emfim encorajando-se, disse-me :

— Não sei se o aborreço. Creio porém que não... Porque havia d'aborrecê-lo?... Sou uma mulher, uma mulher inofensiva e mesmo que o não fosse... em hipótese alguma a mulher aborrece o homem...

— Como?... — interrompi.

— ... em hipótese alguma a mulher aborrece o homem...

— Ah !

A principio ferido pela phrase, resolvi deixal-a escorregar, sem importar-me. Quem dessa maneira se exprimia era Mamz'elle Glu-glu e antes que tudo...

— O seu amigo Renato Alvim, de quem tenho a honra de ser tambem amiga, falou-me do senhor como sendo um artista... apreciador das nossas desgraças... as desgraças nossas... não sei se digo bem... por exem-

plo, uma desgraça d'amor... Ele prometeu trazer-me aqui, o que fez...

Outra vez o silencio caio pesado sobre a sala, agora mais comprido, quasi interminavel. A presença d'aquella mulher dava-me ao intimo um secreto mal estar, um intraduzivel espanto piedoso e repugnante. Faltavam-me aos labios palavras para encadear o dialogo com a visita, visivelmente apoucada. Junto ao nosso silencio, vinha outro de fóra, mais opressor ainda: o da cidade estatica diante d'uma chuva glacial.

— Pensa que o meu nome é só Glu-glu, — continuou finalmente Mamz'elle, com ar tristonho. — Porque me chamam Glu-glu?!... Tenho até um nome bonito, Maria... Maria Luiza... Nasci como o menino Jesus, n'uma estribaria... N'esse tempo os meus pais eram camponezes... Depois, não sei o que foram...

A sua voz tornava-se melancolica, referindo-se a essa infancia perdida n'uma miseria no fundo do campo, entre gente bastante selvatica para a sua fragilidade inteligente. Como recordava essa fragilidade inteligente, com um orgulho compassivo, com uma singeleza victoriosa! Tudo notava, animada pela expressão do meu rosto, atenta, animada talvez pelo meu socego que a deixava sonhar á vontade.

Os pais não a amavam. O gado não lhe obedecia. Por isso, os pais batiam-lhe e o gado solto, entrava pelas outras herdades, produzindo rixas entre vizinhos que se respeitavam. O resultado de tudo fóra expulsarem-n'a. Amanheceu por um frio dia de dezembro na capital, só, sem dinheiro, sem casa, sem ninguem.

Chegando a este ponto da narrativa, parou mais uma vez.

— E depois...

— Póde continuar... — ajuntei — Depois...

— Depois succedeu a desgraça... Quer ouvir?

— Sim... Sim...

— Sabe o abismo que a pobreza encerra, abismo que se multiplica por diversos abismos... Caíndo no primeiro, resvalei pelos outros... Tive fome, oh! muita fome... Sei que sou feia, que não poderia despertar nenhum apetite ao homem... pois um homem possui-me... por dous soldos, o preço d'um pão... Só!...

Uma especie de mudo horror tolheu-lhe a lingua. A vergonha d'essa venda doía-lhe muito mais que todas as fomes passadas, que todas as miserias atravessadas. Sem querer, definia na fisionomia o arrependimento pundo-noroso da confissão. Eu porém, comprehendendo a sua triste lucta, tornava-me cortez, pondo-a n'um terreno de confiança absoluta.

Perdendo a virgindade, sem o gozo do sexo, mas com a dôr no estomago, perdêra tambem, immediatamente, o engano do macho. Dous soldos valiam muito para o *patife*! E dizia patife com a cara desmanchada por uma contração nervosa!

— Hoje eu o amo muito!... Admira-se?... Amo-o... Ele é um canalha... mora na mesma rua que eu... Tem uma amante que vende fumo... Eu o amo... seis anos são passados... É tudo que posso dizer, é tudo que venho dizer... Exijo que o senhor seja meu amigo... Quero chamál-o... o safado...

— Como?...

— Quero chamál-o... Quero estar com èle...

— De que fôrma?...

— Pergunta? Sei lá! Quero-o... Quero beijál-o...

Quero saber se a sua boca fede ou cheira, se a sua carne é mole como um trapo ou dura como um corno... Ele deve ser um homem desigual...

Lá fóra, a chuva caía. No meu cachimbo esvaira-se a fumaça do tabaco, no fim. E como entrassem pelas persianas as sombras inspiradas do crepusculo, Mamz'elle Glu-glu aumentava desmedidamente de tamanho, grande, enorme, descomunal...

\*

\*

\*

Elá vizitou-me outras vezes, muitas vezes. Tornei-me o seu confidente.

Uma extranha compaixão obrigava-me a querer-lhe um bem respeitoso d'irmão. Maria Luiza trabalhava numa tipografia. Vinha-me cumprimentar algumas vezes, ainda com as mãos sujas de tinta, as unhas sunidas sob uma crosta negra de massa.

O emprego, rendendo-lhe um ou dous francos diários, fôra conquistado á custa de muitos esforços, de muita humilhação. Ela achava-o ingrato, aproveitando-se para expansões. Que?... Haviam mulheres que porfiavam pela emancipação, construindo aquela obra calamitosa! Nascidas para a carícia, para a volupia, para o prazer, para a dôr moral, entrarem na dôr física, nos

trabalhos grosseiros ! Um erro mau, um erro formidavel ! Deixassem os homens nos laboratorios, deixassem-nas nas marmitas . . .

— O resultado é o combate que vê. As saias arrastam-se dos bordeis para as oficinas e das oficinas para os cemiterios . . .

Ela arrastava a sua pelo sonho alucinado. Terminava toda qualquer ideia com a teima latente :

— O amôr . . . o meu amôr . . . é necessario encontrar o homem amado, sempre . . .

E trazia noticias . . .

— Hontem passou-me á porta, ás sete da manhã, escuro ainda . . . Escondi-me para que não me presentisse . . . Tenho medo d'aparecer-lhe . . . Se tal succedesse, gritaria . . . E no entanto, preciso chamal-o, preciso ! . . .

Voltava em seguida ás suas desditas, com mais seis companheiras, das oito da manhã ás sete da tarde. As outras tinham homens que as buscavam, cantarolando. Só ella não apanhava os louvores alheios.

A' força de tanto se ver, acabara convencida da sua fealdade, sem illusões a respeito. Aos domingos, embuçava-se no seu casaco novo e lá n'um omnibus, no banco mais alto, passeava a vista, como n'um cinematografo, sobre a cidade, que tanto a fizera sofrer, que tanto a fazia sofrer ainda, gozando em contemplar as avenidas nubladas pela populaça que a mirava com curiosidade, com palavras soltas :

— Glu-glu !

— Lá vae Mamz'elle Glu-glu !

— Mamz'elle Glu-glu em omnibus...

Donde provinha a sua popularidade? Os jornaes um dia tinham sido obrigados a falar d'ela. Provinha do seguinte.

Em certa ocasião, annunciava-se n'um grande theatro, o maior comicio feminino, organizado por sufragistas inabalaveis. Maria Luiza, atrahida pelas colegas, comparecera, sem ao certo entender do que se ia passar. Musicas tocavam.

Mas iniciaram-se os discursos. A primeira que assomou a uma tribuna armada no meio do palco, foi uma costureirita de doze anos. A sua vozinha repercutio pelo theatro como um guincho de calamidades. A costureirita propunha, defendendo a sua classe «a sua classesinha desprotegida», que os patrões estabelecessem um só ordenado compensador dos esforços d'elas, e que reunidas, resolvessem um vestuario igual, blusas azues e calções pretos. Aplaudida, terminou com uma frase fogosa para a sua criancice. Substituiu-a uma redonda e alentada padeira. A segunda oradora gemeu milhões de miserias, «que o serviço nas padarias ia de mal a peor, que os patrões alem de roubal-as nos salarios roubavam-nas nas refeições, que as horas de labor eram exhaustivas, que os pães estavam caros e que, englobadas, elas deviam infundir respeito nas proprias padarias, pedindo augmento de salario». A sua conclusão dizia: «se em greve fecharmos as padarias, de que se alimentarão os homens?» E seguiram-se-lhe outras oradoras: carvoeiras, porteiras, criadas de quarto, mundanas, engomadeiras, lavadeiras, linotipistas, toda a

compacta multidão feminina que se entregava a mesteres multiplos.

Maria Luiza ouvia-as inquieta e revoltada. Tinha impetos de descompor as colegas, lhes berrar a idiotice da liberdade do sexo. Enfim, sem conter-se, gritou :

— Peço a palavra !

Voltaram-se para o seu lado. Ela repetio, dirigindo-se á comissão que presidia ao comicio :

— Peço a palavra !

— Tenha a palavra — respondeu a presidenta, uma porteira quarentona, domingalmente azul.

Maria Luiza levantou-se, caminhou para o palco, subio a tribuna. Começou então terrivel, tremula, esgarenta :

— Sim, colegas, sim... Reuniões... revoluções... sonhos... Tudo é uma tolice... Revoluções... Sufragismo... Para que, se me fazem favor?... Mulheres de calções... meninas de calções... padarias em greve... Seriam melhor, mamadeiras em vez de calções... e prejuizos... homens prejudicados, qual nada!... Não á merda com este sufragismo, com esta liberdade que ninguem comprehende!... Para que foi que lhes deram seios em vez de musculos; cutis finas em vez de barbas... pés pequenos em vez de patas... linhas redondas em vez de rectas?... Os seios foram feitos para a volupia e para a amamentação... as formas redondas foram feitas para excitarem a caricia e nunca para se torturarem em cima de bancos e sobre mecanismos... Cosam as saias, lavem as camisas dos seus homens... Deem-lhe o amor... Porque essa febre

de ganhar dinheiro, de ganhar muito dinheiro, com sofreguidão!... Eu sou operaria, eu grito que sou operaria... mas pelo facto de não ter beleza... E vocês que tem a beleza e sabem arrastar os chinelos pelas cloacas, hein?... Quem as manda para a oficina senão o vicio?... Entre todas não ha uma unica que tenha a minha historia... São belas e vão á merda, senhoras glu... glu... glu... glu... glu... glu...

Queria dizer *gluttonas*, mas não poude, presa d'um soluço obstinado que a impedia de continuar.

O teatro ouvira arripiado esse despejo d'indignação; o teatro ouvira encolhido essa voz improba que clamava sem temor, que ralhava sem receio. Ninguem óusara apartear, como se um aparte produzisse uma catastrophe. O auditorio parecia metido n'um sonho diabolico.

De repente, porém, aqueles *glu-glus* acenderam a luz fatal. Maria tentava o fim da palavra quando do mais fundo da platêa partio o outro *glu-glu* que se unio ao seu. E em breve toda a platêa se desfez em mil *glu-glus* saltitantes, como se o teatro si tivesse transformado n'uma lagôa povoada de sapos tenores.

Realisava-se a queda da oradora. Desorientada, ela se puzera a gesticular, a gesticular, com uma furia douda de liberdade, sem se alevantar da grande patcada que a envolvia.

— *Glu-glu!*

— *Glu-glu-glu!*

— *Glu-glu-glu-glu!*

Dez minutos depois conduziram-na á sua residencia, desmaiada. E o povo que vive á espreita do ridiculo

para rir, croteando, tomou Maria como uma boneca, meteu-a em cançonetes, em revistas, em cafés concertos, celebrou-a, aureolou-a com aquele vulgo buliçoso de Mamz'elle Glu-glu.

... Este facto define Maria Luiza. O seu coração de rapariga sonhadora, inclinado a uma vida aconchegada d'amores, forçado á miseria, pela sorte, indignava-se contra a destruição paulatina do encanto, da graça, do recato do seu sexo. Adivinhava-o em breve arruinado, em pandancos, sem perfumes.

— Veja se me comprehende — dizia, forçando as expressões. — Veja se me comprehende. Quanto maior tendencia ha na mulher para o trabalho, tanto menor inclinação ha para o amor... Amo, não obstante, o meu trabalho, porque odeio tudo que me dão a fazer, tudo que me vem ás mãos para ruína da minha saude... Que grosseria!... e machinas cujas tintas entisicam... Ah!...

Augmentava a sua tortura pelo amado, com uma frequencia enfadonha, com um entusiasmo doloroso. Ela construía uma especie d'altar para collocal-o em todas as reminiscencias, para admiral-o em todos os momentos. Referia-se depois dos queixumes, depois dos pezares, não sem uma ironia maravilhosa, á compleição amnemona do outro, lembrada do meu gesto vazio: « dous soldos, quer?... Nada mais... »

E Mamz'elle Glu-glu, hirta :

— Sabe?... aceitei... Dous soldos... o meu corpo, a minha virgindade por dous soldos... Felizmente ninguem a quer reeditar... E êle, êle...

— Já o encontrou? — indagava eu.

— Como encontrá-lo?... isto é, como encontrar-lhe a alma?... Nem ao menos o seu corpo será possível... De que será o seu corpo?...

Certa vez, um tanto massado declarei a Mamz'elle Glu-glu:

— Quer saber d'uma cousa?... Escreva ao seu... ao seu... como dizer?...

— Ao meu amante! — ajuntou ela.

— Pois sim, ao seu amante. Escreva-lhe e prompto...

Mas a estranha creatura desfez-se em sustos. Cria-se ignorante para delinear uma carta que não envergonhasse.

— Como?... Não serei banal?...

E no outro dia trouxe-me a copia d'um bilhete. Era assim:

Meu unico possuidor. Ha em mim uma avesita que canta por si. Ha em mim doçura... desejo da sua pessoa. Venha, que quero sentir-lhe o calor da pele sobre os meus seios mirrados, venha, que quero enterrar as minhas mãos na sua cabeleira, quero enterrar meus pobres labios na sua boca. Venha, lembre-se do que me deu — *Maria*.

Aprovado, Maria subscriptou o bilhete: Marcio, rua da Greve, 27.

E perdi-a de vista por algum tempo. Duas semanas depois reapareceu-me agitando um papel:

— Veja! Veja! Èle escreveu-me. Leia...

Tomei o papel. Mal disfarçada, a letra era de mulher. Voltei-me para Maria, indagando:

— Foi mesmo Marcio?...

Ela estremecendo, respondeu precipitadamente :

— Porque não? Foi Marcio...

— Perdõe-me!...

Li: «Amo-te, amo-te, amo-te, ó minha Maria. Espero-te.»

E este bilhete iniciou uma forte, uma constante correspondencia entre ambos. Obrigado pela amizade, eu era o confidente d'aquela amante curiosa que mais curiosa ainda se tornava no seu segredo, por trahil-o com gestos demasiadamente nervosos. Entregando-me as cartas, Maria tremia, assustada, como se esperasse alguma cousa mais terrivel que a sua esperanza.

Em verdade o seu pequeno, o seu excuso romance, jamais prometeria um belo futuro. Maria mentia. Maria finalmente desabafou :

— Escute... Sou uma infame... Marcio, meu Marcio, sabe?... Sofre por minha causa... Ah! se visse como êle anda agora... Leia o que me remeteu, o querido...

A carta que então me passou ás mãos, tinha algo de novo que me maravilhou. Era escripta com fogo, escripta com paixão, garantindo tanta sinceridade e tanto desespero, que me chegou a comover, tirando-me do espirito uma duvida impertinente, vinda desde o principio como reveladora d'uma farça.

Começava exaltada, gemebunda, quasi ironica. Chorava e gargalhava ao mesmo tempo, pedindo e mandando. Depois escorregando a um desanimo saciado, terminava levemente :

Quando tu me dizias entre um sorriso assassino e um gesto indolente, que o teu amor era como uma fina porcelana de Sevres, partindo-se facilmente, eu sentia uma onda d'angustia que me afogava todas as tristes illusões. Eras para mim uma creatura suave, ingenua como uma Nossa Senhora. Mas agora, ó minha bem amada de coração tosco, agora descobri que não passas d'uma boneca sem sangue, d'um coração sem forma e d'um corpo sem alma.

Ainda hontem, no campo, lembras-te? tu estavas recolhida n'uma cesta de bambú, junto d'um fio d'agua branda. Havia pelo ar um silencio de cemiterio de mortos. E como eu te confessasse que eras para mim a vida, a gloria e eras tambem o ar que eu respirava, os sonhos que eu sonhava e a Deusa da minha religião, tu me respondeste com uma gargalhada que parecia vinda do Inferno de Satan para a garganta d'uma prostituta.

Eu fiquei aniquilado e vencido. E como te olhasse, com os braços em cruz, com as faces palidecidas, levantaste a tua mão malvada e esbofeteaste-me a alma.

Admirei-me de Marcio. Com uma ridicula compaixão excessivamente brasileira, tratei d'aconselhar a Maria, menos malvadez, « que comprehendesse quanto o outro era bom e amigo » . . .

— Não o procurava ha tanto tempo? conclui. Agora que o encontrou, seja mais humilde . . .

Mamz'elle Glu-glu prometeu, com um sorriso que me gelou.

— De certo . . . de certo . . . Marcio ! . . . pobre Marcio ! . . . de certo serei humana . . .

Mas as exprobações não terminaram. Sobre o casal descera uma epoca má d'arrufos. Se elle ralava-se de lamentos, ella imbuia-se d'orgulho. O que lhe mandava

n'esses dias insanos eram ferroadas, bofetadas, descomposturas.

— Ah! Faço isso por vingança... Vingo-me porque o amo...

E Mamz'elle Glu-glu entregava-me a derradeira missiva :

Discutias Jesus, entre conceitos imperfeitos e palavriados canalhas!... Eu te queria convencer que Jesus fôra o maior homem, porque fôra bom e amara muito. Então respondeste umas frases secas, soltas e medonhas. Disseste que êle não amara, pois não existia o amor como o seu, existia a carne...

E se compreendesses, ó minha querida d'olhos de gelo, o quanto tinhas de desprezível n'aqueles instantes, naturalmente irias para bem longe, irias para a materia.

Em verdado não podes amar. Tens desfalecimentos calculados, consolos que são mentirosos. Tens imperfeições hipocritas, maculas espirituaes, vicios, erros, sofismas. E ás vezes tens risadas que são grasnares viperinos, lutuosos e grotescos...

\*

\*

\*

Foi a ultima carta que vi. De repente Maria desapareceu sem deixar vestigios.

Procuerei-a. Encontrando-me com Renato Alvim n'um *five ó klok*, o temido elegante disse-me :

— Mamz'elle Glu-glu é uma douda! Lia-me tambem todas estas cartas... Acreditaste em tantas balceas?

— Se acreditei...

— Ora ! Ora !

Mas nem eu na minha bôa intenção nem Renato na sua zombaria possuíamos argumentos. Mamz'elle Glu-glu continuava em Paris. Como o soube eu ? Da mesma fôrma que toda cidade, pela leitura dos jornaes. Uma noticia de policia, uma noticia exorbitante, trazia á baila o nome da triste creatura. Mamz'elle Glu-glu fôra presa. Inculcavam-na assassina, n'um crime ocorrido á noute. N'aquelle dia, seria interrogada.

É indescritível o espanto que me tolheu, a duvida atrás que me multiplicou reflexões. Com o jornal que me lançava ao pensamento o nome de Maria Luiza, fui recapitulando toda a sua vida pouco compreendida, quasi incompreensivel. Maria Luiza assassina, era, para mim, fabuloso mas patente. Tudo n'ela predizia um fim tragico : os seus desesperos, o seu afan, as suas doutrinas confusas, a sua idéa exacta de mais sobre o amor. Se não acabasse na cadêa acabaria no manicomio. Não é impunemente que uma mulher chega aos vinte anos com a fealdade trazida do berço.

Corri á policia para presenciar o interrogatorio. Consegui difficilmente penetrar no vestibulo onde unicamente tinham entrada os homens d'imprensa e as autoridades.

Uma horrivel temperatura reinava lá dentro. Sobre mezas escrivães dispunham penas e papeis.

Enfim trouxeram a criminosa. Vejo-a agora como então, vestido preto, semblante cansado onde nunca parece a morar o riso, longo pescoço fino e magro. Vejo-a perfeitamente na memoria : rispida, rija, ran-

genta, fitando os soldados por baixo das palpebras des-cidas, com desdem.

— A senhora confessa que assassinou Marcio Lucio, hoje, ás 2 horas da madrugada? começou um cidadão inquiridor.

— Sim! — respondeu Maria.

— Então, é criminosa!...

— Sim!

— Porque matou?

— Porque era preciso.

— Como?... Era preciso!!...

— Ha casos para os quaes só ha uma solução, a Morte...

Os escrivães tinham parado á voz que se elevava n'essa resposta. O interrogador ficara como se não comprehendesse o que ouvia. De facto, pronunciada por uma mulher, aquella frase cortava, incomodava como um chicote.

— Matei-o! Matei-o!

E Mamz'elle Glu-glu engrandescia-se, discursando com energia e dor:

— Ouçam-me... Ouçam-me... Matei-o!... Matei-o!... Sabem porquê?... Porque um dia me possuo... ouvem?... Eu tinha fome, frio, muito frio, muita fome... Èle deu-me dinheiro para comprar um pão e roubou-me a virgindade!... Até ahí, ha dous crimes... um abuso e um roubo... Se não me comprehendem, perdõem-me... não me sei explicar melhor... Depois que èle me roubou, ainda lançou-me em rosto a abjecção do meu fisico. Canalha! O meu fisico!... Qu'importava o meu

físico se a minh'alma era branca como a neve e como as nuvens do estio, pedindo amor, pedindo amor!...

Uma onda de meiguice subia-lhe nas palavras. Todos na sala estavam concentrados e ouvintes; e até as moscas, cheias de con tricção, pousavam penosamente nas cortinas de renda.

— Senhores! Eu tive, depois, vida mais miseravel!... Dir-se-hia que todos adivinhavam como o meu intimo era dolorido... Fui tudo!... Via sempre o canalha e... juro! juro! juro!... amava-o, amava-o demais... Nunca êle me quiz ouvir... E eu sonhava tanto que até construí um romance, uma especie de pequeno enredo onde existiam as cartas que eu lhe escrevia e as cartas que êle não me escrevia...

Assim, sabia eu da verdade d'aquelas cartas trazidas por Maria. Estive prestes a fugir, picada por uma inquietação surpreendente. Envolvia-me a cabeça um mal estar que me fatigava, que me pesava, que me produzia vascas de vomitos. Mas a defeza da assassina tolhendo-me qualquer movimento, prendia-me á cadeira, imperativamente.

— Hontem, — exclamava Mamz'elle Glu-glu — desesperei. Subi as suas escadas, apareci-lhe para cobrar-lhe a divida antiga. Êle era como um bom rapaz... Recebeu-me sorrindo, possuio-me outra vez, senhores... Ouvem? pela segunda vez... Canalha! Depois, pon-do-me a mantilha sobre a cabeça, sabem o que me disse? É horrivel mas é yerdade... Disse-me: « olha, idiotinha, hoje quero dous francos... dá-m'os... E se me vieres procurar terceira vez, juro que te estrangularei,

carcassa... » Esta scena pode merecer o riso dos senhores... Quando Marcio me falou assim, enlouqueci... a minha amargura, o meu amor, transbordou d'odio... Vi que era preciso matal-o... matei-o... com uma faca de cosinha que estava sobre a sua meza, a quatro passos... Á traição... esperei o movimento que o punhã de costas... e matei-o... Assim... assim... E ri-me, ouçam... vejam... como me estou rindo agora, por saber que èle não se riria mais de mim... Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

O riso abria-lhe a boca n'uma careta fantastica. Toda ela rangia metalica como um esqueleto.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Matei-o... tem graça... Marcio... O meu Marcio... o meu querido canalha... Marcio, o *dous soldos*... Ah! Ah! Ah! Ah!

A autoridade pareceu despertar. Agitou uma campainha e disse a Maria, muito palida:

— A detente vae ser recolhida a cadeia... Soldados, conduzam-n'a...

Mamz'elle Glu-glu dispoz-se a seguir. Mas voltando-se, deu comigo. Sorriu e agitou a mão, n'um adeus:

— Estava ahi!... A proposito... consegui finalmente chegar até èle, não é verdade?... Apalpei-o, como queria... Sabe o que tinham as suas carnes?... Lama, muita lama... as suas veias eram de lama...

E sumio-se entre os humbraes d'uma porta, ladeada por dous policias, hirta como uma vara, magra e fria como uma taboa vestida...

---

# SUA MELHOR AMIGA

A ITIBERÊ DA CUNHA

Sendo Deus tão pobresinho  
Não ha ave a quem não dêsse  
Um ramo para o seu ninho:  
For conseguinte parece,  
    Minha flôr,  
Que tendo tu mais riqueza,  
Terás tambem com certeza  
    Mais amor!

GUERRA JUNQUEIRO.



Dos defeitos que possuía M.<sup>me</sup> Dorine, defeitos provenientes, na maioria das vezes, de loucuras encantadoras, um unico era, mais que todos, perdoavel: o de ser curiosa. A nobre senhora, devido a isso, devido á curiosidade intermitente como uma febre de mão character, varios desgostos teve que abafar em meio ao reboliço estonteador da sua vida de grande mundana.

Em certa época, porém, ela jurou corrigir-se, perante os seus santos predilectos, e a sua melhor amiga, Stela Irinea. Jurou corrigir-se e corrigio-se. De nada mais quiz saber: nem dos namoros exagerados das vizinhas, nem dos arranjos domesticos das camaradas, nem das escapulidelas escandalosas do primo co-irmão, que de semana em semana fugia do Rio para São Paulo, onde cantava endeixas a uma actriz italiana de nome Leonor. *Ad Leonorum Italiae canentem.*

Viram-n'a depois desta jura intima, transformar d'alguema sorte o horario da existencia. Abjurou de certos divertimentos. Frequentou o Odeon uma vez por semana, sómente; outrora ia lá nas segundas, quartas e sextas. Tornou-se melancholica.

O marido, um rapagão de trinta anos, perguntava-lhe :

— Minha Dorine, estás doente ?

Ela respondia com o seu riso de creança docil :

— Não. Porque ?

— Por nada. Não vaes mais ás *soirées* de Martha Osorio ? Hontem, na Avenida, ela perguntou-me por ti, queixosa.

— Quero estar antes contigo.

E enlaçava-o nos seus braços roliços e calidos, segredando-lhe as juras da fidelidade conjugal que durante muitos mezes esquecera.

Do dia para a noite, o joven casal mergulhou numa vida quieta e burgueza. Direi, tirando a grosseria da classificação burgueza, «numa vida quieta e simples». Eugenio, assim chamava-se o marido, a principio espantado d'esta metamorphose, acabou accitando-a, na moleza proverbial do seu genio futil. Accitou a aliança da esposa, como accitaria o presente d'um amigo, ou uma gravata cara d'uma creatura extremosa.

Era êle um d'esses typos necessarios á vida das grandes cidades; ruidoso, crapuloso, indecoroso. Conseguentemente um hypocrita. Sabia manejar com habilidade a creença feminina, arremetendo com impudor o que de melhor podesse lucrar das relações com outras mulheres.

O seu espanto foi não isempto d'um certo terror. Si ela o conhecesse, emfim, si ela desvendasse os escaninhos da sua alma, si ela descobrisse o que a intimidade da etiqueta até então escondera d'alguma maneira ? Então, Eugenio redobrou de vigilancia, mais delicado que

nunca, amabilissimo, curvando-se a todos os minutos, advinhando da companhia os desejos, os pensamentos, cumulando-a de gentilezas. Pensava nos momentos de soliloquios: «Fil-a a meu modo, livre, com poderes para vôos obliquos. Voltou, sem cuidar nos beneficios d'este estado especial. Que fazer? Calma primeiro... e nada de lutas domesticas...»

É, mais ou menos este, o raciocinio dos maridos alegres.

Em Eugenio, semelhante raciocinio assumia arrhas de cynismo.

Um dia, inquieto, disse á companheira:

— Minha filha, perdôa-me. Mas preciso ir a uma cidade do interior, a negocio urgente... São tres dias de demora.

— Está na tua vontade — respondeu com ternura M.<sup>mo</sup> Dorine. Volta logo. Amo-te muito!...

E ela propria passou a escova em dois trajes novos do marido, acompanhou-o o resto do dia com uma serena solicitude, ceou no seu colo, trincando com os dentes pedaços de fatias que elle começara a comer. E, no outro dia, despedio-se.

Eugenio, porém, não fôra a viagem alguma. Servio-se d'este ardil para estar á vontade no brilhante ninho d'uma amante predilecta. O ingrato bohemio, não conheceu remorsos n'esta canalhice imperdoavel. Ao contrario, encontrou nela um espirito digno de comentarios frisantes. E muito sofreria M.<sup>mo</sup> Dorine, si no seu quarto, devorando o capitulo sentimental d'um romance de Ohnet, adivinhasse o seu nome servindo de trocadilhos

na alcova da preferida. Não o adivinhava, porém. E isso era bom para tão desigual par...

No terceiro dia, êle appareceu. A mulher recebeu-o sem de nada suspeitar — notando apenas ligeira palidez e olheiras no amado.

— Parece que estás doente?...

— Qual! replicou êle. Fadigas de viagem...

Nada mais natural que esta desculpa.

O casal voltou á vida costumeira — unido, sem anormalidades notaveis, abastado. — Eugenio, comtudo, mais firme na segurança pessoal, dizia consigo mesmo que a sua mulher «o que era, era uma grande ingenua». E classificava-a no kalendario da sua devassidão, ao lado das pobresinhas d'espírito. Ela, porém, nunca se poderia juntar no numero d'essas: tinha illustração, senso artistico, um grande pudor intelectual que esbarrara nas trincheiras rudes da vida mundana. E' neste ponto que se explica o seu retorno á seriedade.

Entretanto, em breve, os rumores do anonymato caíram na casa, pelo Correio. A primeira carta era seca: «O seu marido, minha senhora, é um refinado patife. Engana-a. Despreze-o.» Ela achou graça e queimou a carta. Nada disse. Dahi a dois dias, outra: «Si o acompanhasse, enconral-o-ia junto com a concubina que o explora sem piedade.» Novo sorriso, nova descrença. Alguma amuada, por certo! E M.<sup>me</sup> Dorine, a despeito de tudo, sentio vagos arranhões de ciúmes. Seria verdade? De certo que não... E calou-se.

Nesta época, porém, o marido fantasiou outra viagem, seis dias de demora, pelo menos.

— Trar-te-ei um belo chapéo — prometeu-lhe.

Mas a esposa não teve os mesmos cuidados, distraída, longe de tudo que a cercava. Èle reparou, mas... Era um rapagão alegre e sobretudo um rapagão canalha. Simulou partir, ficando em companhia da amasia.

Verdadeiramente começou nesse dia a afflicção de M.<sup>me</sup> Dorine. Em casa, um estado de superexcitação nervosa abalou-a durante longas horas, á partida do marido. Toda a sua vida então lhe surgia breve e facil. Casára ha quatro anos, nessa época cheia de fantasias, julgando amar o marido. Tivera, porém, uma decepção, afastando-se dos calculos architectados nos sonhos de donzela. Enganada, teve o primeiro adulterio, teve o segundo adulterio, victima sempre da curiosidade feminina. E se regenerára. Sími, confessava intimamente a regeneração, côm uma alegria de todo o seu sèr amplo de mocidade, amplo de paixão e de fogo. Talvez por effeito dos vinte e cinco anos robustos, irrompera o amor definitivo pelo companheiro muitas vezes ludibriado. Amava-o, amava-o, amava-o.

E agora, aquelas cartas anonymas, aquelas denuncias, aquelas viagens!... Não, não podia ser, não acreditava, jámais acreditaria. E desta vez, esperou ainda que o outro voltasse da pandega — sempre palido, de grandes olheiras.

Consultava a sua amiga Stela Irinea, e esta lamentava-a, cobrindo-a d'adjectivos lisonjeiros. «Que não passavam d'aprehensões sem causa justificavel. Contasse com ela...»

Estas confidencias unia-as mais que nunca.

Emfim, como suportar as terríveis suspeitas? Simular tranquilidade, quando interiormente se abrazava d'inquietações? Decorreu nesse tormento meio mez. M.<sup>mo</sup> Dorine julgou adoecer, sentindo, durante dias, febre. Mas a explicativa da febre era razoavel. Junto ao seu mal intimo, havia outro mal metido no primeiro, o mal antigo, o mal velhissimo, o mal todo feminino: a curiosidade.

A formosa creatura, junto ao ciume, *necessitava, necessitava sem demora*, instruir-se da rival, si ella existisse. Um dia, á tarde, seguiu o esposo, acompanhou-o passo a passo, sem perder-lhe o menor movimento. Andou muito e, afinal, vendo-o penetrar numa casa, postou-se á esquina, esperando. Conheceu, em poucos minutos, a atroz, a indisivel vontade d'um grande repouso quando se está a braços com uma grande desgraça. Conheceu a ancia da espera, o odio da espera, o desespero da espera. E nada. Elle não apparecia, ella não apparecia... Em breve uma penosa indiferença pelo escandalo, subio-lhe até ao céu da boca, numa saliva amarga. Encaminhou-se para a casa suspeita. Tudo fez inconscientemente. Uma mulher tolheu-lhe o passo. Meteu-lhe na mão uma cedula, e passou. Vio-se numa sala elegante, onde haviam espelhos caros e bibelots baratos.

Oh! nunca esqueceu esse fim de tarde! Um raio de sol entrava sala a dentro, caindo sobre a palhinha d'um divan. Fazia silencio. De vez em quando longinquos murmurios de phrases passavam no ar. E era simplesmente denunciador o vago perfume de bordel, impregnado na atmosphera e nas coisas.

«Mas, porque não se decidir? Arrebatal-o dali, custasse o que custasse, tomal-o para si sómente...» Com-tudo... «Jesus! impossível, inacreditavel, o seu Eugenio, tão bom e tão bonito!» Emfim...

Sentio passos, conheceu o andar do marido. Recuou, escondendo-se atrás d'uma cortina. E êle appareceu na sala, envolvendo com intimidade a cintura de Stela Irineia, a sua melhor amiga, a sua intima, a sua confidente. M.<sup>me</sup> Dorine sustentou o embate d'uma grande revolta, forte para não gritar, para não desmaiar, para não enfraquecer. Teve a coragem fria de presenciar tudo, de ouvir as palavras quentes de despedida entre os dois amantes. Quando, porém, ambos desapareceram pelo portal, caio desfalecida n'uma cadeira.

Pela primeira vez chorava d'amor. Chorava para se aliviar, com um profundo vacuo em derredor, uma desilusão repentina e amarissima. Perdera tudo... Quizera ser boa, ser casta, mas encontrára aquele resultado. Tudo falhára e falhára sobretudo a voz daquella amiga falsa, impiedosa, daquelle camafeu incensado de hypocrisias. Chorava, chorava. Alguem bateu-lhe no hombro. Levantou a cabeça.

— São seis horas, *madame*.

— E dahi?

— E' regulamento da casa. Descanso...

Levantou-se. Parecia mais leve. «Para onde ia, Santo Deus?...»

E desceu, passo a passo, pensando na desigualdade dos dois sexos, no eterno, no indecifrável egoismo masculino, demolidor e impotente, mentiroso, sem verdades,

sem preconceitos razoáveis, sem equilíbrio estavel. Fôra victima, reconhecendo alfim a grande diferença entre o homem livre, com a predisposição legal da mentira, e a mulher escrava, enganando pelos cantos, a rastejos, como cobra.

Entretanto, o seu mais doloroso arrependimento, depois, foi o de ter sido curiosa de mais. . .

---

## LIÇÃO PROVEITOSA

Todo aquele que se queixa da ingrati-  
dão dos homens é um imbecil, porque só os  
imbecis é que contam com o seu reconheci-  
mento.

DUMAS FILHO.



Quando Dikson partio da cidade natal contava apenas quatorze anos.

Numa reunião de familia elle recebeu as instruções para a sua nova vida, os conselhos para os seus novos procederes, os ralhos para os seus provaveis desvios. Jámais esqueceu essa reunião memoravel. Na sala ampla da velha residencia paterna, os tios, as tias, os primos, a avó, em circulo, olhavam-n'o com curiosidade e lisonja. O pae era o que mais falava. Dizia-lhe o que devia fazer ao chegar ao Rio, o cuidado em fugir das mulheres e dos camaradas, a pontualidade nos estudos e nos trabalhos. Para velar o seu socego dava-lhe o melhor correspondente do mundo.

— Obedeças ao teu correspondente... que é quasi teu parente... meu filho... Só acredites no que elle disser... Evita as más companhias e os perversos...

E todos, porfiando :

— Sim, Dik... Só acredites no teu correspondente... que é quasi teu parente...

O rapazola ficou com os ouvidos impregnados de palavras sisudas a respeito d'aquelle grande personagem. Julgou-se até meio extraordinario por estar ás ordens de

homem tão extraordinario. Partindo afim d'obedecer aos paes, acompanhado d'um creado que o deixaria na capital, com a sua pequena mala e o seu pequeno mundo de phantasias, ficava quasi só, pois o que o levava áquele desterro era o facto dos progenitores terem que ir para longe, n'uma destas viagens subitas de nababos que são maniacos.

O correspondente sacaria sobre um grande banco, para a educação do casulo. Este foi recebido pelo outro, de braços abertos. O outro chamava-se Pedro. Era um typo forte de quarenta anos, amavel, alegre, fraternal. Mesmo na gare portou-se de forma encantadora, na opinião do petiz.

— Então temol-o aqui! Sei que vae ser um bom rapaz! Bem! Bem!

Levou-o logo a uma confeitaria, a um theatro, prometendo-lhe passeios se êle estudasse e dando-lhe uma pequena carteira. O menino endoudecia. Tantos mimos e aquella denominação caliloga de rapaz eram para subjugar d'uma vez um joven provinciano. E foi com saudades, meio constrangido que êle na segunda feira recebeu a nova de que no mesmo dia o collegio o esperava. Os domingos entretanto, seriam de ferias.

Realmente o foram. Foram verdadeiros domingos gordos, plenos d'attractivos, de curiosidades, de chocolates, d'automoveis, d'excursões. Dikson toda a semana sem poder dormir, sonhava os verdes campos, o jardim rutilando ao sol d'Abril, o *lunch* n'algun restaurante e depois como mais saborosa parte do programa uma *matinée* n'algun theatro de variedades. A' noute, aquele

bom correspondente de barba tão bonita tocava-lhe no queixo amigavelmente :

— Agora... ao collegio...

E levava-o...

Êle augmentava a contemplação por Pedro. Pedia, era atendido. Semelhante delicadeza, em parte, ençhia-o d'um vago, exquisito alvoroto. Mas, criança, ligava unicamente os gozos a fruir.

Passou-se o primeiro mez e o segundo mez. Êle fez amizades no collegio.

No terceiro mez recebeu do pae, então longe, na Azia, uma carta que terminava com mais conselhos a respeito do correspondente: só ouvisse os seus avizos.

Essa carta coincidio com um factio que o preocupou vagamente. Certa manhã, Pedro apparecera no instituto, embrulhando-o n'uma discurscira da qual não entendera patavina e que acabava por qualquer locução sobre uma assignatura. Dickson abanara a cabeça, entontecido e o outro lhe dera um papel em cuja parte inferior êle pozera o nome.

Voltando para a sala das aulas, contara o caso aos companheiros. Um, o mais velho, perguntou-lhe :

— E que tinha o papel?

— Não sei. Não li — respondeu o menino.

— Fizeste mal.

— Porque?

— Por nada. Este teu correspondente...

Quem assim se exprimia era o alumno chefe da turma, dezenove anos, esplendidas apparencias e um tom singular de mando sobre os outros. Em vez porem de

sua observação calar no animo de Dickson, chocou-o. Dickson pensou intimamente que o colega era um intrigante e pensou ainda mais intimamente nos juizos pater-nos «só acredites no teu correspondente...» Tudo esqueceu no domingo seguinte, com novos passcios, novos presentes e um agradável espectáculo nas Folias Dramaticas, onde estabeleceu o seu primeiro flirt com uma vizinha de fauteuil que durante toda a funcção não se cansou d'esmagar-lhe os pés.

O collegio nessa semana foi-lhe uma tortura. Odiou os livros, os mestres, os camaradas.

No domingo subsequente, Pedro conservou-o ao lado, até noute. A' tardinha, partindo de subito uma fra se, disse-lhe com indiferença :

— E' verdade... Precisas de roupa, não é, rapaz?... O papá não me deu ordem para isso... mas... eu farei se assignares um pequeno valor... comprehendes... o dinheiro é teu... está depositado em teu nome... Terás uns trajes bem feitos...

— Pois sim!...

Assignara outro papel quadrangular — igual ao primeiro — Mas d'ahi em diante iniciaram-se as necessida-des sem «ordens paternas». De semana em semana sur-giam mais livros, mais roupas, gastos em lições, etc., etc. Um dia, impacientado, Dickson ousou passar a vista sobre o papel e leu em letras encarnadas: 15:000\$000. Levantou a cabeça :

— Como?... Quinze contos... Precisa tanto?...

O correspondente muito tremulo, retorquiu :

— Está incluída a quantia para os proximos exames...

— Desculpe...

E Dickson assignou, tacteante.

Uma pausa sobreveio ao episodio. Durante um mez mais ou menos, Pedro não lhe falou em despezas, tratando-o com mais valia que nunca, desembaciando considerações, a indagar de constante pelos seus estudos, pelos seus preparos, pelos seus afazeres d'interno. Aludia-lhe a amizade que tinha ao seu pae dele, um velho amigo d'infancia, um companheiro dos tempos que Dickson agora desfrutava. «Unicamente para os dous faltara um afeiçoado como o proprio Pedro para Dickson». Dickson cria, repetindo consigo mesmo a phrase paterna: «só acredites nele...» Então o outro endeusava-se e as longinquas suspeitas derruiam.

Mas eis chegou uma carta da Azia. O pae comunicava a Dickson o regresso no mez proximo. No dia 10, pelos calculos feitos pretendia estar no Rio. Que alegrão para o casulo! Mostrou a missiva a Pedro.

— Já vês que o papá...

— Sim, o papá!...

— ... De volta... tomará conta de ti...

Èle respondeu uma exclamação triste. O outro consolou-o, afirmando que o procuraria sempre. E disse-lhe:

— Havemos de ir receber teu pae, queres? Um passeio magnifico...

O menino accitou com jubilo, tendo porem que assignar mais um *papel* para despezas de viagem e um presente ao papá «um presente regio que comoveria certamente o papá.» Esperou com a impaciencia meliflua dos

seus quatorze anos incompletos de provinciano. Ha seis mezes estava no Rio, longe dos seus, longe mesmo de qualquer agazalho familiar. O convivio de poucas horas com o correspondente não chegava bem para fartar-lhe o peito de socego: êle sentia como todos os da sua idade o anhelô d'essa preguiça que nos ricos é o contrario do tédio e nos pobres é o aborto do tédio... Absorvia-o a saudade philanema das estradas, do arvoredo, da liberdade cabal. Pensava então que, com o retorno dos progenitores, voltaria á terra, continuaria o antigo viver. O outono fervilhava perto, prometedor e bom.

O correspondente garantira vir buscar Dickson no dia 9. O paquete procedente da Azia, chegaria na manhã seguinte.

Mas Pedro não veio.

Porque não viria? Porque não viria? Esta pergunta atormentou-o durante toda aquela enorme segunda-feira de 9. Esperou vestido, prompto, inquieto. E êle não vinha... Porque não viria?

A noute passou-se comprida, enorme como a segunda-feira. Ao sol nascer, Dickson esperava ainda, esperava sempre. Acudiam-lhe mil raciocinios:

«Com certeza o papá mandou-lhe algum telegrama á ultima hora... mas não... com certeza está doente... mas não... com certeza alguma desgraça... mas não...»

E era um nunca findar de duvidas, de contradicções. Com certeza... como êle poderia suspeitar da verdade?...

O pae chegando, admirara-se de não haver ninguem para recepcional-o. Meteu-se num taxi auto dando o endereço do collegio. O filho abraçou-o, chorando.

— Que?... não recebeste a minha carta?...

— Sim...

E explicou a ausencia do correspondente. O pae murmurou :

— É curioso !

Depois perguntou se o pequeno sabia onde Pedro morava. E como recebesse uma afirmativa, disse :

— Vamos até lá.

Foi, encontrando fechada a residencia do outro. Indagou d'um visinho.

— O senhor Pedro embarcou para a Europa !

Então a verdade saltou crua, alarmante. O ricoço provinciano percebeu num segundo quanto pezava a sua confiança pelo outro, agora indignando-se por saber que o filho assignara documentos de valores ignorados. Vingava-se flamejando clamores d'esta ordem : « mas tu, meu filho, és um burro, és um burro ! » E torto de colera correu ao banco, esclarecendo-se do resto do desastre : a fortuna do pequeno fôra desbaratada.

O pae quiz bater no casulo, quiz leval-o ao xadrez, quiz excomungal-o.

— Perdeste a tua fortuna... és um burro... tens que comer da nossa...

E perante este egoismo, o pequeno respondeu com irreverencia :

— Hé ! Hé ! Eu... mas você, pae... ordenou-me que só o ouvisse... que só confiasse nele.

O pae lembrou-se e perdoou com um perdão tambem egoista, pois que o atingia antes d'atingir ao filho.

E eis porque Dickson, hoje deputado e colaborador de revistas financeiras, desde então, jamais quiz aceitar conselho algum.

---

## O NUMERO 1.317

... E êle pegou nessa estatua, que era obra sua, colocou-a num grande forno e entregou-a ao fogo. E com o bronze da estatua da *dor*, que *dura eternamente*, fez a estatua do *prazer*, que *dura um só instante...*

OSCAR WILDE



Contra a vontade de todos, contra as fervorosas admoestações do medico, Julio Fameta conquistou o emprego no archivo. Foi para êle um alegrão a hora em que o deram como nomeado. O sexagenario juntou mãos. ambas numa serena contrição e agradeceu ao chefe.

— Não ha de que, disse-lhe este. Sinto-me bem, por tel-o servido.

— É que... o meu ideal... coisas velhas, papeis antigos...

E Julio Fameta imediatamente apossou-se do seu logar d'archivista, começando a luta contra os sujos officios seculares. Tinha idade avançada, estatura meã, gestos sobrios, uma magreza original que lhe dava ás pernas um quer quê de cegonha. Falava pouco, monomaniaco pelas estantes cobertas de capas de couro. Desde muito, quando se fizera empregado publico, cubiçava aquele logar quieto e vigilante. Trabalhara sem gosto em varios ministerios, como um verdadeiro empregado publico. E êle — o pobre Julio que nunca fôra positivamente um homem de futuro, — resumia o typo do burocrata; serio, sisudo, pontual na assignatura do livro da porta, falando acacianamente, solenemente, augustamente.

— A existencia, afinal, tem que ser levada assim . . .  
— dizia, com aquella majestade tão conhecida nos corre-  
dores ministeriaes.

— Sim . . . de certo que sim. A gente recebe o mez intacto e reparte com os filhos e a mulher !

— E para que o mundo se desmoronou com a classe d'esses infames libertinos? Dizem até que as mulheres do dia, os figurinos . . . Ah ! o meu tempo ! . . . o meu tempo ! . . .

O tempo de Julio resumia uma mocidade presa ás birras paternas, sem estroinices, sem vislumbres d'arte. Nunca conhecera a deliciosa sombra d'um vestido que treme d'amor ; nunca escondera uma carta soffrega, molhada de lagrimas e de sonhos ; nunca soffrera ; nunca fôra amado ; nunca tivera remorsos. A sua velhice era um mixto de santidade e d'inocencia.

— Ah ! o meu tempo, o meu tempo ! . . .

Um dia, visitou, pela primeira vez, um archivo. Logo sonhou a poeira que desce dos papeis, contendo velhos segredos, e logo sonhou remexer-se dentro de toda aquella poeira. Pedio a um deputado, pedio a um senador, pedio a um ministro. Foi nomeado, eis tudo. E iniciou a sua vida dulcissima d'archivista.

Os companheiros tiveram a dita curiosa de seguir a transformação operada no seu todo obsoleto. Sim, porque Julio como que se tornou uma outra creatura, um outro Julio mais aperfeiçoado, mais Julio Fameta, mais burocrata. Ainda bem não se abria a repartição e já êle entrava impertigado, com a pasta debaixo do braço, o chapéo arrastando-se pelo soalho, um cigarro delgado

preso ao canto dos beiços. Levava horas sem nada pronunciar.

— Então, Julio, como vac isto?

— Bem... Bem...

— A familia, bôa?

— Todos bons... A proposito, vi... mas é interessante...

E animava-se, sobre algum officio impôrtante que lhe passára pelas mãos. Que raio de felicidade! 1813, um officio de 1813... Gesticulava:

— Passou-me pelas mãos... eh! eh!... interessante... um officio de 1813... A photographia, os nomes... e dirigido ao ministro!... É curioso!... Que officio importante!

Fechava o paletot e, depois, mais pausado:

— Esplendido ser-se archivista!... glorioso... porque só nós temos esse prazer!... Eh! eh!

Realmente, era a sua mania, era o seu gozo supremo remexer as velharias officiaes. O excentrico velhusco babava-se de gloria. Julgar-se-ia admirado por toda uma população, admirado principalmente pelos estragados vultos historicos, cujas assignaturas estudava meticolosamente. Mas, ou por effeito da sua preocupação sem termo, ou por effeito da sua ruina physica, a velhice pareceu atacal-o com um prodigio sobrehumano. Converteu-se de repente num encantador velhinho de lenda: muito branco, muito pacato, muito limpo.

Recebiam-n'ò, quando èle entrava na ampla sala de trabalho, com cumprimentos nada ironicos.

— Então, Julio, mais officios importantes?...

— Muitos... Eh! eh!... Muitos officios importantes.

Curvava-se sobre a mesa, desfolhando, dobrando massos amarelos de cadernos. E nunca terminava.

De dia para dia, a sua obsessão aperfeiçoava-se, a sua curiosidade descobria novos horizontes. Tocava familiarmente nas lombadas, em fileiras protegidas pelos vidros. Consultava, sem jámais cansar-se, e, afinal arranjando um caderno azul, nele anotava as grandes descobertas: reservados da monarchia; intrigas das provincias; episodios de guerras; traições revolucionarias; ordens politicas importantes; missivas confidenciaes dos generaes da côrte.

— Eh! eh! — grunhia, rindo. — Eh! eh! Belo!... não ha como o archivo... Todos os grandes homens na minha mão! Eh! eh!...

Emfim, os seus companheiros resolveram desgostal-o. Como? Julio sempre quieto, sem inimigos, era uma excepção que merecia castigo. Ha um mundo de gentes inferiores, para o qual todo o individuo precisa do retrato, descolorido e sorno.

Os companheiros começaram talvez a antipathizar o velho, talvez a odiál-o. Porque? Não sabiam. Mas o velho era superior a eles nesse ponto original; possuia essa particularidade que eles não possuiam; era apaixonado ao passo que eles eram indifferentes. Resolveram fazer-lhe mal.

— Decididamente o tolo carece ser ensinado!

— Si entendesse d'aquilo!...

— E a falar em monarchia! Em colonia! Sabe lá nada de historia!

Èle, porém, alhejava-se ao mundo que circulava em seu redor, sem ouvir os gracejos, sem ouvir as más lisonjas. Ultimamente preocupava-o um caso original. Descobrira uma serie d'ofícios confidenciaes, rubricados por S. M. Imperial, nos quaes se desenrolava uma grande intriga passionnal : dois assassinatos, o roubo d'um braço, a captura d'um conde de nobreza hespanhola. Era o cumulo ! Julio rejubilou.

Conseguiu com muito custo, com muita paciencia, concatenar os principaes documentos, pela ordem numerica : 1.314, 1.315, 1.316, 1.318, 1.319. Juntos os cinco officios, a intriga suspendia-se no meio, pela falta do principal, o n. 1.317, o terrivel numero que servia de denuncia e de chave a todo o segredo. Èle procurou, certo d'encontral-o, empregou toda paciencia em esmiuçar os cantos das estantes. Era preciso achar esse officio, esse infernal numero 1.317.

A sua sinceridade comunicou a doce inquietação aos companheiros que riram á socapa.

— É chegado o momento. Façamos uma partida ao velhote.

— Como ?

— Ora essa, o 1.317...

Juraram então a partida. De que maneira ? Sabiam lá ! O essencial era a realização d'ela.

O outro, no emtanto, continuava a obra de busca. Vigilante, invulneravel, perdeu-se de desassocego, encerrando-se num mutismo eloquente, sem arrogancias.

Os cinco officios da questão, de tanto estarem nas suas mãos encebaram-se, limpos da poeira perdida. Èle,

branco de neve, sorria para o combate. Adivinhava próxima a victoria, percebia, como o cão que fareja, o olfato do pó revelador.

— Ensina-se ou não, ao velhete? — perguntava um companheiro ao outro.

— Esperemos. Nada se perde...

— Mas, façamos a partida...

E de tanto a esperar, fizeram-n'a. Depois, no sorvedouro d'um espanto horrivel, jámais poderam medir o comprimento desse desastre. Foi positivamente numa segunda-feira de junho. Ruins d'estomago, pelo descanso anterior passado ao sahor do desejo, tinham travos na boca, restos de succulentas bebedeiras burguezmente domingaes. Os ultimos dias do mez arruinaram-lhe os nervos, pelo pensamento dos bolsos desprovidos. Estavam nesse periodo formidavel em que os homens só pensam em se odiarem mutuamente.

Jul'io Fameta, ao contrario de todos, entrara na repartição de rosto prazenteiro e fainara cantarolando, o que ha muito não fazia.

De instante a instante, subia escadas, descia escadas, estirava os braços para as lombadas. Houve um momento em que toda a sua atenção se concentrou num masso empilhado. Tomou-o, correu-o, estudou-o. Aproximações de mezes e de datas e uma nota *referencia* illuminou-o. Emfim! Emfim! Emfim! Ia descobril-o, o maldito, o extraordinario officio. A *referencia* indicava a estante onde êle se achava. Correu, agarrou uma escada, trepou com ligeireza de rapaz. Emfim! Emfim! Emfim! Um grito de victoria irrompeu-lhe do peito.

— Meus amigos ! O n. 1.317...

Os amigos correram para o pé da escada, riando perversamente. Sobre todos pairava um gaguejô rouco de sujidão.

— Ouvem, meus amigos ? E Julio Fameta gritava-lhes : Ouvem ? Achei finalmente... o n. 1.317...

Então, como movidos por uma mola, os de debaixo se entrecolharam numa muda decisão, arripiados por uma estranha frialdade homicida. Estiraram as mãos crispadas, segurando a escada. E...

— Emfim ! Ouvem, meus amigos ? Aqui... o n. 1.317... aqui... eil-o... o n. 1.317... o n. 1.3...

A phrase foi cortada por um berro de horror. A escada, puxada pe'os de baixo, vacilára, rangendo. Em cima, jogado pelo choque contra as vidraças Julio Fameta contorcia-se. Julio Fameta, meio suspenso deslocava-se, sob estertores, colhido por uma resma de grossos papeis que lhe prendiam a cabeça, enquanto a porta da estante lhe aprisionára o braço esquerdo, quebrando-o. Perdendo a vida, em convulsões, êle ficára com as ultimas palavras nos beiços lividos, como uma consolação eterna :

— Ouvem?... o 1.317... o 1.31... o 1.3... achei-o... achei o 1.3...

---



## O ANEL

Ha momentos nos quaes se pode facilmente e d'um golpe, julgar uma alma.

NIETZCHE



## I

Em Agosto 'começou a miseria: gastaram-se os últimos nickéis. Caio o desanimo sobre o quarto outr'ora alegre, donde por uma janela simples se desdobravam os telhados da parte baixa da cidade.

O frio chegára, entrementes. Os dous amigos venderam os sobretudos, as roupas dispensaveis, os livros.

Prospero perguntava a Voline :

— Então? Que faremos?...

Dias inteiros, noites inteiras Voline meditava, de mão no queixo. E o frio, sempre aquêle frio d'inverno, rispido, penetrando na pauperrima mansarda! Lá fóra a chuva enfadonha e humida. O céu teimava em parecer algodão sujo.

E os dois amigos... sonhando... Que tinham feito na vida senão sonhar? Um, Voline, filho de lavradores, era delicado como uma criança. Desde pequenino, ensinaram-lhe o bem. A mãe, para êle, nunca teve uma palavra severa. Dizia-lhe em tom de repreensão :

— Meu menino! Meu menino!

E òle baixava a cabeça, confuso como se acabasse de suportar o maior sermão do mundo.

O outro, Prospero, fòra creado perto d'òle, d'uma familia mais abastada. Desde tenra idade a amizade entre os òeus crescera como uma planta util num pequeno jardim. Estudaram no mesmo collegio e numa bela manhã d'esperanças vieram para o Rio, crentes em vizonarias eudias.

Não venceram. Bracejaram na lucta contra uma sociedade fechada aos que *vêm de longe*. E é sempre mais ou menos assim o romance dos que querem vencer. Ha primeiro a tortura do pão. Depois o odio surge como vanguarda de sentimentos, substituido enfim pela indifferença que mostra a cara aos arrebanhos invejosos dos proximos.

Prospero e Voline não venceram : sofreram — o que vem a ser quasi o mesmo.

Era pois desesperada a situação d'ambos. Aquilo parecia uma *Bohemia*, como no livro de Murger.

Uma tarde Voline disse a Prospero, com misterio :

— Irmão, uma idéa...

— Fala — animou o outro.

— Uma bela idéa... Mas, tenho remorsos, muitos remorsos... Não... Não...

E em posição tragica, roeu as unhas. Abismava-se em reflexões.

— Ora! — continuou de repente estalando os dedos — Resumirei... Dous dias antes de partir, meu pac chamou-me a um cantó... O bom velhinho disse-me com os olhos razos d'agua : «Vaes partir, meu filho...

fazes bem... A vida é isso... Eis porque encaro a tua viagem como um facto natural que tinha de succeder mais cedo ou mais tarde. Estimo a tua felicidade. Desejo porem que leves uma lembrança minha, este anel que foi de teu avô...» Meu pac deu-me o anel... Desde então, Prospero, não me separei d'ê'e. E' pezado... duas pedras brancas... Ha cinco dias penso em vendel-o, resistindo á minha infamia... Uma lembrança de pac, uma saudade de familia, comprehendes?... Nunca...

Prospero não respondeu. Voline suspenso, esperou.

— Fazes bem — disse alfim o outro.

— Sim... mas... mas...

E espiava-o desconfiado.

— Mas... mas... e nós?...

O outro estendeu a dextra, patriarchalmente:

— Como queiras...

E d'esta comedia quasi muda ficou resôlvida a venda do anel.

Na manhã seguinte, cedinho, á hora justa em que se abrem as casas de penhores, sahiram. Por felicidade não chovia. O inverno fizera tregua, banhando a cidade com um sol gelado e preguiçoso.

A casa de penhores era na rua da Cadèa uma sobreloja sordida, com esse cheiro especial assignalado peio eterno principe da literatura — Balzac.

Os dous amigos chegaram á escada. Mas faltou a Voline coragem para vencer aquele derradeiro reducto.

— Bem podias ir só! — lembrou êle a Prospero.

O outro ajuntou:

— Muito me custa ver passar das minhas mãos para as mãos do agiota esta recordação paterna...

E compadecido decidiu Voline a esperal-o na esquina. Só, subio as curtas escadas.

Voline esperou-o no local convencionado. De pé, encostado á parede, os minutos lhe pareciam seculos. Em cada transeunte via uma censura. E estremeceu quando lhe surgio em frente, de subito, uma figura amassada em barro, uma velha desdentada cujas mãos osseas se lhe dirigiram sofregamente pedindo esmola. Êle procurou nos bolsos e não achou. A velha rio com um *eh! eh!* monstruoso.

Êle esperou um minuto, dous minutos, tres minutos... E Prospero? como custava, Santo Deus! Impacientava-se, faminto.

Enfim! Enfim!

## II

— Meu querido Voline! Meu querido Voline!

Prospero trazia um desapontamento amargo.

— Meu querido Voline!

— Anda, dize logo... Que houve?

— Que houve? — E a voz do outro ciciou: — Meu querido Voline, o anel era... de *plaqué*...

Num momento Voline transformou-se. Afluiu-lhe ao

rosto o sangue. Seus braços cerraram o espaço num rufo macabro. Procurou dizer, e só conseguiu gaguejar:

— De *plaqué*?... como?... de *plaqué*? de *plaqué*?...

Jogou ao chão, raivosamente o anel que rolou celere para a proxima sargeta. Sahio a passos largos... largos... E repetia com força, arrastando-se miseravelmente, aos pulos, em caminho do futuro:

— Essa!... De *plaqué*?... de *plaqué*?... Meu pae quiz brincar comigo?!...

O seu gesto, comtudo, inferiorissimo, valia por uma epopéa...

---



O CRIME RAZOAVEL



No dia 24 de novembro desembarcava eu na *gare* de Digoin, alquebrado por pessima aventura e ruminando projectos decisivos. Viera de Paris com uma maleta e o dinheiro essencial para dias resumidos. A minha vida ia seguir caminho tortuoso.

Digoin é uma pequena vila nas margens do Loire, com 18.000 habitantes que trabalham numa das maiores fabricas de faianças da França. Foi lá que me fiz operario.

As pilherias barbaras e as más ofensas doeram-me no começo d'essa carreira. Certa vez derramaram-me na cabeça grande pote de tinta vermelha. Outra vez obrigaram-me a segurar enorme vaso d'agua fervente. Tive as mãos em chagas e não desanimei. De resto, em quinze dias tudo cessou.

Eu sofria. Olhava o meu passado difficil, a minha juventude ruidosa, os meus sonhos de civilisado em ruina. Como! Viver entre a sêda e o orgulho e descer tão de sastradamente? Gastar doze mil francos por mez, ter amantes caras, entreter finas relações, jogar, viver ocom um crapuloso radiante, uma paria e, subitamente mergulhar, mergulhar sem esperanças? Entristecia. Amaldi-

çoava essa mademoiselle Claire Dorz, esse demonio de dansarina exquisita, esse camafeu que numa só noite me roubara — dinheiro e ambições. Via-a numa sala do Café Americain denunciar-me a um agente, com as seguintes palavras estupidas: «Expulso do seu paiz... ladrão e batoteiro...» Após dois mezes de cadeia a policia expelia-me de Paris como qualquer entidade perigosa. O desanimo levou-me a Digoin. A policia apoderára-se dos meus papeis e da minha fortuna, fortuna recebida a troco de traições diplomaticas e papeis onde eu encerrava correspondencias com nihilistas italianos e falsos moedeiros argentinos.

Tirando-me d'um crime a ordem espiona empurrou-me noutro crime.

Muita gente soliloquará a respeito da vida que enctei. Mas em verdade, depois da minha prisão, um largo estoicismo me fez entrever mundos uniformes. Observei que nada podia esperar da sociedade e que deveria entregar-me ao proprio destino. Parecia que, tornando-me operario, essa sociedade ficaria abaixo do meu *Eu* e abaixo da minha miseria.

Em duas quinzenas d'apprendizagem consegui o documento de trabalhador. Ganhava quarenta ou cincoenta francos semanaes. Colava flores bizarras sobre vasilhas multicores. Era penoso, no fim, carregar d'uma extremidade á outra da fabrica, cinco ou sete potes, ao mesmo tempo um peso de oitenta kilos tortuosos para quem nunca teve myster grosseiro. Qu'importava porém? Regenerava-me.

Em algum tempo reconciliei-me com minha mãe, la-

vadeira numa cidadela do norte da Italia, lado Mediterraneo. A boa velhinha fôra desprezada pela minha insolencia, quando valdevinos da alta ladroecira internacional. Comecei a remeter-lhe algum dinheiro. Ela agradecia-me, queixando-se do peito, só, com uma nota e a inconso-lavel viuvez.

Sete mezes depois da nossa reconciliação, ela enca-mou. Pude ajuda-la então, pois tornára-me um operario exemplar. Na fabrica, os patrões confiavam na minha seriedade, na minha actividade, na minha sobriedade.

— Esplendido braço! — diziam.

— Um valente!

Eu tudo aceitava com glacial indiferença.

De subito recebi uma carta terrivel. Minha mãe es-tava desenganada. Bons remedios dar-lhe-iam semanas de vida. Corri ao nosso pagador e pedi-lhe dinheiro adiantado.

— Quanto? pergunteu-me êle.

— Cem francos.

Êle deu, careteando. Quatro dias depois recebi outra carta. Minha mãe queria ver-me antes de morrer. Des-vairei. Era preciso fazer-lhe a ultima vontade.

Ora, sendo sabado, a fabrica fechar-se-ia ás seis ho-ras da tarde e os operarios receberiam as férias, turma por turma.

A turma da qual fazia parte eu, compunha-se de quinze trabalhadores. Recebiamos separadamente o orde-nado, num gabinete onde o thesoureiro se trancava. Naquele sabado eu era o ultimo da turma e por conse-guinte o ultimo a ser pago.

Chegou a minha vez. Comuniquei ao caixa :

— Necessito de duzentos francos...

— Para que? — indagou-me com espanto.

— Para assistir a alguém que vai morrer...

Ele replicou friamente :

— Impossível.

Retruquei :

— Necessito de duzentos francos...

— Não...

A colera assaltou-me. Tergiversei com desgostos :

— Escute-me... É, para minha mãe... sim... minha mãe que me chama... minha mãe que vai morrer e que me chama... Paguei... porque não?... Paguei em dois meses, com a metade dos vencimentos.

— A fabrica não adianta grandes quantias. Além de tudo, sua mãe não reside na localidade. O senhor sabe como são encarados os casos de molestia nas familias dos operarios... quando as familias residem no paiz... Pago-lhe a semana, descontando algum dinheiro do adiantado... e eis tudo...

Que alegar ainda? Como humilhar-me? Entretanto era preciso humilhar-me. Tocante e sincero, disse áquele homem servente o que jámais dissera a pessoa alguma. Descrevi-lhe parte da minha existencia, parte dos meus desgostos, dos meus remorsos, da minha mocidade. Fui sentimental. Conte-lhe a infancia que gozara com essa mãe que me chamava e que não me via ha mais de quatorze anos. Conclui apresentando todo o lado altruista do seu gesto, se me servisse. Ele deixou-me garrir e fez secamente :

— Impossível. Saia para vir a outra turma.

— Hein?!...

— O senhor aborrece.

Avancei dous passos:

— Cão! Porque não póde me servir? Peço-lhe...

Porque não póde me servir?...

— Porque não quero.

Então perdi a cabeça. Abafei um rugido e agi sem noção exacta dos meus movimentos, mas com uma lucidez agressiva e perversa. D'um salto alcancei o calaceiro, esmaguei-o com um olhar sanguinolento. Ainda sinto o seu halito que me produziu o efeito d'um punhado de lama. Ainda o vejo tal qual me appareceu nessa ocasião: pequenino, chato, com uma larga figura onde o espanto retratava uma covardia mui bordalenga. Êle não se julgou perdido, comtudo, ou julgou-se assás forte na sua soberania de patrão. Porque não deu o alarme? Porque não chamou? Orgulho ou timidez? Orgulho... Como chefe, quiz castigar, como homem, quiz imperar. O seu braço procurou repelir-me, magoou-me. Grunhia colando-me a êle:

— Duzentos francos... duzentos francos...

O outro chacoteou:

— Nunca... nunca...

Instigado pelo odio, tornei-me mais robusto. Resolvi matal-o... Libertei-me e agarrei-lhe as orelhas, demoniaco, esgarrento. Recuei uma perna e lancei-a a fundo contra seu ventre. Êle quiz gritar. Mas a voz extinguiu-se-lhe na garganta e uma palidez contenciosa cobrio-lhe o rosto em convulsões. Sentia-me presa da doce urgencia

de mata-o. Experimentei-me acalmado, quasi feliz quando êle vacilou. Foi com desdem, sem nenhum grande furor, calmo como se jogasse com um campeão menos adextrado, que continuei a bater-lhe, que continuei a demolir a sua physionomia até deixal-a em penduricalhos — olhos fóra das orbitas, dentes partidos, queixo inferior impossivel de movimento. Por fim êle cahio. Apressei-me para a mesa onde havia dinheiro. Enchi os bolsos das calças. Compuz-me. Sahi. No corredor encontrei camaradas.

— A turma seguinte...

E exclamando isto, escorreguei pela porta mais proxima, correndo. Fugia do crime com alguma cousa que não era remorso. Passei rente ao castelo de Joubecourt com as suas grandes castanheiras sem folhas. A *Cantine*, onde comem operarios e vagabundos, regorgitava d'irmãs de caridade. Alguem chamou-me, mas não fiz atenção. Prosegui a corrida pelos caminhos que zigzagueam na base das colinas, atravessando a ribeira de dous metros de largura, que vae do *Canal* até ao *Loire*. Alcancei a *Cité*, a pequena *gare* de Digoin e tombei sobre um banco. Mas imediatamente a sineta deu alarme. Aproximava-se um trem.

Comprei uma passagem de terceira.

Cinco horas depois saltei em Lyon e com nova passagem até Marselha, embarquei para a Italia.

Ha banalidade no meu crime? Ha banalidade na minha ação? Não olho isto. Agora, escrevendo, vejo sómente a conclusão de tudo; consegui ver minha mãe. Ela morreu. Eu fugi. Separamo-nos mais uma vez...

Se eu não fosse operario, teria o dinheiro que precisasse, como quando era um escroc. Rehabilitando-me, fui forçado ao crime. Escroc ou operario...

Não existe positivamente caminho salvaterio. Sim, existe um caminho que me assegura a tranquillidade, esse caminho que retomei é que me foi presenteado por um patrão: a aventura. Como aventureiro tenho mais liberdade. Os homens temem-me, assim. Os homens e os patrões...

---



# O MOMENTO

## A MAGALHÃES CARNEIRO

Ha mais nobreza d'alma em suportar as ferroadas e frechadas da fortuna ultrajadora, ou em armarmo-nos contra um mar de dores e fazel-o parar, combatendo-o?

SHAKSPEARE.



Creio que não pode haver nada comparavel a esta dôr produzida por um caso especialissimo, no qual o embate dos impulsos foi sobrepujado pelo raciocinio feroz. Creio mesmo que esse caso *especialissimo* se torna para muitos de difficil comprehensão.

Henriqueta casada comigo ha dezenove anos, mostrou sempre a maior pureza. Viviamos felizes, sem a minima nuvem que toldasse a nossa existencia. Eramos o que vulgarmente se chama *um casal de pombos*: nem arrufos, nem sobresaltos, nem suspeitas.

Nove mezes após o matrimonio, nasceu a unica filha, Delia, que desde então foi a nossa unica preocupação. Voltando do armazem, eu trazia-lhe uma boneca, um carroto, um soldado de chumbo. Com que saudade relembro! Parece-me vel-a, pequenita, a saltar-me ás pernas, abraçando-as com os bracinhos gordos e sujos. Os seus cabelos brilhavam, eram d'ouro. Ela corria a casa, o jardim, escondia-se para eu procural-a. Embora soubesse o seu esconderijo, fingia-me atrapalhado, o que muito a lisongeava.

— Papá! Papá! adivinhe!

Delia surprendendo-me de costas, cingia-me a ca-

beça, colocando os dedos, em venda, sobre os meus olhos.

— Papá! adivinhe...

— Quem é?... Quem é?...

— Não sabe... eh! papá! não sabe! não adivinha!... papá não sabe...

Tornando-se a minha loucura, Delia augmentou-me a amizade de Henriqueta. Moravamos em Copacabana. A nossa casa olhava para o mar e para as montanhas, cercada de trepadeiras que se enroscavam nos gradis e nas palmeiras, sumptuosa como uma *lojia* romana.

No inferno em que vegeto, lutando comigo mesmo, sofrendo como um emigrado maldito, são estas recordações as que mais me acabrunham, que mais me enterram num infindo, disgamico lucto.

Em Copacabana a nossa vida! Henriqueta cifrava o typo sonhado pela maioria dos homens para companheira. Felicitava-me vendo-a sair aos domingos, muito correcta para a missa da Bom-fim. E com que ar santo ela defendia as suas opiniões religiosas quando eu propositalmente atacava Christo e a virgindade de Maria! Muitas vezes a sua mão fechou-me graciosamente a boca, após qualquer blasphemia.

— Christo? — resmungava eu. Christo foi uma besta.

— Hereje! — respondia-me — Grande hereje! Isso não se diz...

— Perdão... Christo foi um pandego.

Por habito, costumava incomodal-a na sua seita. O

meu arrependimento hoje, é tenaz. Nunca devemos procurar em outrem aquilo que não queremos que procurem em nós. Eu tinha a torpe mania de contradizel-a. Terá isso influido? Não sei, mas o edificio derruido teve como causa a má construcção que lhe dei.

A pequena Delia crescia com os anos que passavam e a sua educação se esmerava. Aos doze anos fez conosco uma viagem á Europa onde praticou o francez e estudou no conservatorio de Milão.

Voltou graciosa, tendo amor pelos figurinos e pelos vestidos caros. Orgulhava-me de possuir semelhante *tetéa*. Assim a chamavamos.

A *tetéa* fazia verdadeiro furor. Olhos cravavam-se vorazmente nas suas toilettes, ambições atingiam o leve rosado de suas faces.

Neste progresso chegou aos dezessete anos, quando se apaixonou. É um pouco duro para um pae escrever com desprendimento um *quando se apaixonou* referente a sua filha. Mas, eu brado aos ceus a minha franqueza: sou pae, sou marido, quem sou eu? Conhecerão adiante as causas de tal interrogativa.

Delia apaixonou-se por um rapaz que a amava realmente, Celso d'Ambrozio, filho unico do milionario Braulio d'Ambrozio, da firma Ambrozio & Comp.

Ao ter conhecimento da paixão, alegrei-me. Mais d'uma vez me passara pela cabeça a idéa d'um mau casamento.

Entretanto construia a minha obra, inconscientemente, estupidamente, applicando-lhe fracas energias. O

alevantar surdo do edificio fez-se vagaroso. Dia a dia, mez a mez, ano a ano, subia um degráo de miseria, enegrecendo-se ao mesmo tempo que se modelava. Ha indubítavelmente milhões de homens, que em toda a humanidade têm cometido egual crime. A minha obra era um crime hediondo. Não tomei precauções, não me preparei para o arrependimento, não quiz sequer abrir as ouças da intelligencia: Fui judas de mim proprio.

Irritei Henriqueta. E' ahí que está toda a falta. Aquela alma candida, transparente como o mais raro crystal, foi osculada pelo meu sopro d'estupidez impura.

Que poderia ganhar magoando-a nas suas crenças, humilhando-a nas suas ingenuidades? A pertinacia em dizer mal da religião acabou quasi separando-nos. E contudo não me portava por maldade d'instinctos e sim pela tolice de fazer espirito. Para mim era extraordinariamente engraçado o meu procedimento.

Uma vez ella ausentou-se. Dirigi-me ao seu oratorio onde se viam multiplas imagens de santos e santas, rozarios pendentes, livros d'orações, depositos d'incenso — a disposição d'um oratorio de casa particular. Podiam ser 9  $\frac{1}{2}$  da manhã. Desarranjei tudo — as imagens de baixo da meza, os livros espalhados pelas cadeiras, os rozarios ao redor dos pescocós das santas, como para as enforçar, os depositos d'incenso entornados. Eu ria-me como uma criança travessa, lembrando-me da sua indignação e depois, do perdão que me concederia em seguida a um beijo. Para cumulo, interessei-me pela figura d'um frade em posição humilde. Agarrei no frade e preguei-o na parede. E em baixo, com um grosso lapis,

escrevi estas palavras infames, nuns versos que saíram faceis como a minha ação :

No principio era o caos. O ser supremo então  
Convidou Satanaz para fazer o mundo.  
E do Nada surgio inteira a Creação,  
Inteira, grande e bela. O diabo iracundo,  
Inventou a perfidia, a hypocrisia, os erros,  
E Deus lhe antepoz a Ternura e a Bondade,  
O Demo uivando então, aos pinotes e berros,  
Os males resumio num só : e fez o Frade.

À chegada de Henriqueta, escondi-me atraz d'uma cortina para testemunhar. Que especie de disfarce me avassalava neste momento?

Henriqueta, logo ao primeiro golpe de vista, comprehendeu donde partia *aquilo*. E — ultima vez que a vi assim, ultima vez — presenciei uma revolta, uma dor patente na sua physionomia esmaecida. Em breve as lagrimas brotaram-lhe dos olhos, as suas mãos estenderam-se para pôr em ordem as imagens, os seus dedos acariciaram-n'as. E sempre chorando. Leu os versos. Rompeu-os com um pequeno grito de hyena enraivecida. Nesta ocasião naturalmente odiava-me. E eu comprehendia tão razoavel devia ser esse ódio, que não ousava aparecer, encolhido, protegido, coberto pela cortina.

Não sei se foi devido ao choque, a doença que a atacou. Na cama, entre as cobertas, tiritou mais d'uma semana, com febre. A minha presença (efeitos de desvario?) horrorisava-a.

Como que a luz se fez, de repente, assenhoreando-me tardiamente da minha infamia. Remorderam-me remorsos vivos.

De que forma obter o perdão, o esquecimento de todos os males que lhe causara, reconquistal-a sem repulsão? Problema irresolúvel. Não se fere impunemente um coração de mulher.

Suportei nesses dias d'arrependimento as maiores torturas. Sofri.

Felizmente porém, Henriqueta entrou em convalescença. Já melhor, pela manhã e pela tarde passeiava vagarosa, ao longo da beira-mar, acompanhada de Delia. Eu ficava trancado no gabinete, a principio; terminando por acompanhá-las a distancia, trocando rapidas frases.

Que passeios! Pelo estio, o sol era d'ouro. A praia, amarelada, curvava-se até ao Leme. Grupos de raparigas e rapazes andavam para cá e para lá, joviaes, vestidos ligeiramente de toilettes claras. A certas horas os pescadores extendiam as redes, gritando, de troncos nús. E recolhiam os peixes, cercados da admiração dos curiosos que se juntavam ao redor.

O ar salitrado do mar, os meus cuidados e os do dr. Florius, nosso medico e sobretudo nosso amigo, a ternura da filha, tudo concorreu para o prompto restabelecimento de Henriqueta.

Mas, terminaram as intimidades: as nossas almas, divorciadas. Continuei a vida comercial, diariamente indo á cidade onde passava seis horas entre os meus negocios que não corriam bem. Havia duas luctas em mim: a do coração e a da pratica argentaria.

Entretanto, Henriqueta d'antes d'uma gravidade de freira, não suportando o rumor das Avenidas, agora, tres vezes por semana apparecia-me ao escriptorio, enfeitada d'elegancias luxuosas. Pedia-me dinheiro, ou para automovel, ou para compras. Espantou-me a mudança da beleza madura de trinta e seis anos. Realmente, toda a sua formosura explodia em risos pretenciosos.

Ela e a filha, juntas, formavam um quadro que seduziria o mais frio dos pintores. Uma, de feições mais definidas, de hombros mais cheios, de fórmãs mais redondas — outra, fina, bela, esguia.

Um dia, muito cedo deparei Henriqueta vestida deante d'um espelho.

— Vaes sair?

— É verdade...

— Ter-te-hei como companheira de viagem.

Um gesto de contrariedade julguei adivinhar, rapido e contido. Henriqueta passeou duas ou tres vezes pelo quarto sem retorquir.

— Não — respondeu-me afinal. Vaes almoçar ainda, não te quero perturbar o dia... Preciso sair cedo para voltar cedo...

Estupefacto abri os labios para indagar. Mas a pergunta não a fiz. E como ella adivinhasse, ajuntou com indiferença :

— ... Uma festa de caridade... em S. Clemente...

Hoje, só hoje compreendo para onde ia. Por que não tive uma decisão nobre, ao suspeitar pela primeira vez? Esta suspeita, porém, desapareceu logo. Não, não poderia ser. Depois de dezenove anos de casada, d'uma

vida de santa, methodica, seria inacreditavel uma monstruosidade. Eu enganei-me...

Desenvolveu-se a intriga do amor de minha filha. Mais d'uma vez Henriqueta falou-me a respeito. Se o casamento se realisasse, a felicidade futura seria inviolavel, eu equilibraria minha fortuna com a que *ele* me trouxesse. Atraz da pureza grandiosa do amor de Delia, eu escondia o meu tacto comercial.

E enfim, tudo se decidio no dia fatidico — 27 de Fevereiro. O casamento ficára resolvido ás duas horas da tarde. O pae do noivo procurara-me tratando do assumpto. Seu filho, faria o pedido oficial no dia seguinte.

Tornei á casa mais cedo que de costume, assobiando alegremente. Na rua da Carioca comprei uma joia para Delia, um broche cravejado de brilhantes. Tomando o bonde na gare central, saltei na rua Senador Dantas. O bonde caminhava vagaroso, parando de quando em quando e eu não podia cantar nem expandir-me, suando sob o sol quente que penetrava vehiculo a dentro. Aluguei um automovel que desceu a toda velocidade a Avenida Beira Mar. Ás cinco horas chegava.

Agora, escrevendo, todas as minucias acodem-me tumultuosamente. Ouço o mar que roncava, o tinir d'um bonde, o latir dos cães na praia, o sussurro das folhas dos coqueiros. Encontrei o portão aberto e entrei. Encontrei aberta a porta da sala d'espera e segui. Fui até á sala de jantar — tudo calmo.

Minha mulher certamente saíra, pois d'outra fórma não se explicava o abandono, o silencio, a solidão da residencia.

Resolvi então ir para o quarto de cama, pôr-me em trajas caseiros. O corredor tapetado abafava-me os passos. De repente...

Foi rapido o que se passou. Presenti murmúrios suspeitos, risadinhas, beijos que estalavam. Dei dous passos cambaleantes, bebedo de duvida, sem poder coordenar idéas desordenadas. E junto ás risadinhas e aos beijos, ouvi palavras ternas, juras soltas por entre as quaes meu nome saltitava.

— Ah! Henriqueta!... Henriqueta!...

Eu, o blasphemador, que tanto desprezava Deus, juntei as mãos na cabeça, balbuciando como num sonho: *Senhor! Senhor!* E as duas sylabas gemiam entre meus beijos, sem poderem passar dos dentes que batiam uns nos outros. Estava desmoronado completamente o edificio mal construido. Num tropel acudia-me todo o passado, o casamento, a nossa existencia calma, o parto, a viagem á Europa, a sua fé religiosa, a minha fingida ironia, o romance de Delia... Os quadros despertavam numa realidade assombrosa, apresentando-me como unico culpado. Quem transformara a creatura candida senão o meu halito pestilento de devasso espiritual? Cerebro! Onde? O meu era lodo. Alma! Onde?... A minha era treva. E uma interrogação pairava comigo mesmo. «Qual seria o resultado, que resultado esperarías tu, bandido?» Certas flores não suportam certos contactos.

Recuei dous passos, subitamente apoderado d'uma energia descomunal. Iria matal-a, estrangulal-a, teria a volupia de gozar os seus ultimos arrancos. D'ahi a dez

minutos nada restaria de vida n'aquelle corpo d'adultera transformado n'um mo'ambo de carnes frouxas.

Ela ficaria com os olhos fóra das orbitas, com a lingua fóra da boca, da qual desceria um fi'ete de sangue. E o seu pescoço tão al'vo, ficaria com as marcas roxas de cinco dedos assassinos.

Esta decisão terrível, tombou n'um momento. Perto, d'outro quarto, partio o trauteio d'uma canção tranquila.

Conheci pela voz de minha filha uma das paginas musicaes de sua predileção.

Por todo o meu corpo correu um longo estremecimento. Minha filha! Que fazer? Anda, bandido, raciocina, tem calma...

— Ah! Henriqueta!... Henriqueta!...

Sim, que ia fazer eu? Com as mãos castigando o rosto, procurei rebuscar alguma cousa inexplicavel. Esse *alguma cousa* fez-me o efeito d'uma lampada longinqua que se vac aproximando da sombra. Se matasse minha mulher, que succedia? O escandalo, a deshonna, a infelicidade perpetua para a *outra*, a inocente, a querida Delia. Pensei, pensei, acalentado pela melancolia da canção italiana. Delia perderia o noivo, eu perderia a honra, no dia seguinte a imprensa comunicaria a todo mundo a tragedia. E em resumo eu mereceria a compaixão, ela seria repelida pela sociedade. A sociedade absolutamente não abre as portas á filha d'uma prostituta ou a uma prostituta, *quando o caso é publico*. E a sociedade ao mesmo tempo não quer saber porque o marido mata a mulher devido á traição conjugal, sagrada pelo romantismo como a traição mais adoravel.

A pouco e pouco fugio-me a febre homicida e quando dei cobro de mim, raciocinava friamente. «Coragem, bandido! Uma decisão superior e pratica, eis o principal!...» Aproximei-me mais da porta, quasi tocando-a. «E então, tens coragem?»

Os dous, lá dentro, roçavam os corpos. Eu, no corredor, ouvia. E do outro lado a pequena cantava.

E como eu era pae, era homem e pensava na minha filha, retirei-me decidido a nada *jámais* saber, a continuar, methodicamente a vida em familia e a cuidar n'aquella mesma noite do casamento futuro.

— Ah! Henriqueta!... Henriqueta!...

---



## AMOR E VICIO...

A sociedade tem os criminosos que precisa...

LUCASSAGNE.

Chamam-nos civilizados, mas eles não são senão degenerados physicos e mentaes... Por isso, nem merecem desprezo, nem merecem cadêa : merecem cura...

T. FILHO.



Vinhamos da Suissa, de volta d'uma bizarra excursão aos montes. Era pleno inverno.

Não sei por qual incidente, o trem, obrigado a demorar na estação d'Anilay, nos atirou ao canto d'um café onde reinava o crepusculo d'uma lampada acesa. Atirou-nos, digo bem, pois eramos tres: o conde de Partenza, italiano diletante, Fleury Bar, jornalista em viagem e eu, emigrado eterno.

Tinhamos frio e diante de tres punchs, tínhamos desejos de palestras. Soltos no mundo das aventuras, nós tres nos acostumaramos a guardar connosco mesmo as nossas impressões. O habito das viagens ensina o *touriste* á sobriedade. Mas nem sempre esta sobriedade fica adequada a certos momentos. E n'aquella tarde, com neve, um trem subitamente parado e punchs fumegantes, o silencio seria a mais horrivel das torturas.

Fleury encarregou-se de rompê-lo, surgindo-nos como jámais o conhecemos: philosophico...

— A vida! exclamou êle. — Para que vivemos?... Eu, de paiz em paiz, para um jornal que me paga bem com o fito de mentir... Minto... O jornalista tem que mentir... do contrario mata o jornal... Tu!... A

\*

mesma cousa!... a escrever mentiras... O nosso Partenza... a mesma cousa!... a flandar... Isso ofende o pobre...

Eu e o conde consideravamos Fleury. Fleury tão sisudo, espantava-nos. Perguntei-lhe:

— Que especie de vida achas superior?

— Sei lá! Nenhuma! Não viver, eis tudo!...

De repente porém, com estrondo, sorveu um gole do punch, transformou-se.

— Não tomem a serio o que acabo de dizer... Ora essa!... É o costume, meus amigos... A vida é uma bela cousa...

E então, entre nós, uma batalha de comentarios travou-se ardorosamente. Agredia-nos uma tenacidade violenta de lucta, de gesticulação, de literatura. Num lapso transportamo-nos ao amor, á virtude, á piedade. Cada qual vituperiou o outro com absurdos paradoxaes. O conde banhava-se na sua aristocracia com uma filauçia maravilhosamente fidalga: dentro em breve poz-se fóra de combate. E como eu e Fleury nos atracassemos em questões mais escabrosas, terminamos, a pedido d'êle, por uma pequena escaramuça que tudo findou.

— Amas pois? — perguntei a Fleury.

— Amo.

— Amas o que?

— Amo o amor, o amor perfeito...

— Que entendes pelo amor perfeito?...

— O vicio... O vicio é a perfeição do amor... O amor sem o vicio é falho, muito áquem do amor burguez que é porco...

No mesmo diapasão continuou a divagar sobre a surpreza do vicio nos cerebros cultos. Acaso tentaria negar a degenerescencia amorosa de Shakspeare, Wagner, George Sand, Baudelaire, Lystone, Pöc, Maupassant, Descartes, Oscar Wilde, Gabriele d'Annunzio, de muitos outros, dos maiores genios? O homem de talento poderia amar como qualquer homem? poderia aceitar o amor d'uma mulher *comum*? O amor... Qual!... O vicio... vivesse o vicio para nós, os de talento... E ãe batia na meza com os punhos cerrados, franzia a testa na cacueta predilecta, dir-se-ia assenhoreado d'oneiropola convicção...

— Eu quero o amor desigual: uma mulher libidinosa, alternativamente rameira e rainha... carinhosa e artista... Para isso, não ha como a ingleza em primeiro plano, a americana em segundo e a franceza, em terceiro...

Mas o trem, na nevoa opaca, despertou do seu torpor, com um silvo agudo da locomotiva. A campainha da estação badalou tres vezes. E corremos, pagas despesas, para o wagon que nos conduziria.

\*

\*            \*

As opiniões razoaveis de Fleury (redactor do *Cosmopolitan Magazine*, hebdomadario que dá cinco edições em cinco linguas diversas) eram produzidas por uma volubidade semelhante a um opio suave. Æle não discortinava aqueles horisontes filosoficos por conveniencia, persuasão. Assaz futil, assaz boulevardeiro, falava por sno-

bismo. Só depois, dous mezes depois, pude tal descobrir. E foi o proprio Fleury quem me narrou a desilusão em que nadava a sua inquietada alminha.

Oh! esses dous mezes para o viajante jornalista, esses dous mezes de tortura e morte!

Logo ao chegar em Paris depois da nossa excursão á Suissa, Fleury apaixonou-se. De tanto jogar com o amor e de tanto filosofar sobre o vicio, Fleury apaixonou-se seriamente. Vem o idylio das mezas d'um restaurant dos Campos Elyseos.

O inverno fizera uma pequena tregua. O segundo domingo de Janeiro amanhecera d'uma lucidez cadaverica. O sol coado por um paneiro d'algodão sujo, enthusiasmara a população da cidade que se puzera nas ruas, nas avenidas, nas bancas dos cafés. No trecho compreendido entre o boulevard Saint Denis e o Arco do Triumpho, abrangendo os boulevards Poissonniere, Bonne Nouvelle, Montmartre, Italiens, Capucines, Opera e Magdeleine, ás duas horas da tarde o movimento era extraordinario. Todo Paris amarrotara-se d'orgulho por esse piedoso e amortecido sol.

Fleury como mundano, sahio. Perambulou e sentio fome. Na vespera dansara muito num baile do *Bohemien's Club*, recolhendo-se tarde. Achando-se então em plena zona dos restaurants chics, entrou no primeiro que lhe passou pela vista. Antes porem d'apontar no cardapio, ao garçon estatico, o escolhido *hors d'oeuvre*, descobrio á direita, olhando-o com dous olhos negros, uma mulhersinha morena e rara. Fleury escolheu ao acaso um prato, e considerou.

A mulhersinha, positivamente não era franceza: tinha estatura regular, cabelos maravilhosos, e junto a uma morenez transparente, jambosa, labios polpudos como as francezas não têm. Fleury esquentado, vio-se pois em presença d'uma estrangeira do sul — não hespanhola, não turca, não italiana (êle considerou em primeiro lugar) — mas americana. E na sua bazofia gauleza jurou orgulhosamente fazer uma conquista.

A mulhersinha acompanhava-se d'um homem tambem moreno — o marido. Descobrimo semelhante pormenor, Fleury torceu o nariz, atento. Ela falava alto, como só falam as estrangeiras para se fazerem notadas e as meretrizes por necessidade comercial. E falava n'um dialecto conhecido de Fleury, o portuguez. O *Cosmopolitan Magazzine* entre as suas edições comprehendia a portugueza. Fleury por fim deduzio, do fisico e da linguagem, ser a mulhersinha, uma brazileira: — traços caracteristicos da india e do portuguez, — cabelos negros, olhos negros, péle morena — uma certa petulancia em tudo ver por cima dos hombros e por cima dos... labios...

— Não precisamos voltar agora — dizia ella ao compãheiro — Para que?... estamos em Janeiro... o calor no Rio, horrivel!... Só em Maio melhora um pouco... Resolva logo... ainda tres mezes de Pariz... cinquenta mil francos, uma bagatela...

— Querida Andriseta, como quizeres — replicava o outro. — Chegaremos ao Rio no começo do inverno carioca...

— Sim... e em Novembro, com a vinda do calor... depois d'uma visita ao Uruguay e Argentina, tornaremos

cá... para a Italia certamente, onde está a nossa amada Querubina Doria...

— Claro que sim, Andriseta!

Fleury ouvindo, assestou as baterias de conquista. Sabia de como se procede para chamar a *sympathia* d'uma desconhecida. Poz-se em attitude languida, mirando o tecto da sala, á espera do garçon. E quando este chegou, trazendo o prato, êle pediu, não sem elevar o diapação vocal de modo a ser percebido dous metros em derredor:

— Champanhe... da melhor... Clicquoy...

O resultado não se fez esperar.

A estrangeira, a brasileira — Andriseta — voltou-se. Êle sorriu-lhe. Travava-se vagamente a primeira escaramuça.

— *Omelette crawfish mayonnaise au fromage*...

O prato extravagante foi requerido no mesmo diapação anterior. Fleury percebeu, adivinhou a mulhersinha murmurar ao marido...

— Que *especie de comida é esta?*...

— Sei lá!...

Chamando o garçon em meio caminho, êle acrescentou alto:

— *Au scierie*...

Entre a gente fina de Paris ha o costume das comidas extravagantes, as mais inexplicaveis, intraduziveis quasi. Um prato ás vezes banal toma tal aspecto e tal complicação, que ninguem o digerindo dez vezes adivinhará a sua confecção. Fleury, frequentador dos bons

restaurantes e das boas casas de tolerancia, possuia o segredó d'esses pratos exóticos.

O successo obtido sobre a mulher a conquistar foi immediato. Olhando-a depois, recebeu contra a sua individualidade um suplicante beliscão d'olhos, avido e apaixonado. Fleury — jornalista viajante, polyglota — Fleury, admirador do vicio, pensou encontrar naquela creatura tão miraculosamente morena, tão regiamente vestida, tão presumpçosamente posada, uma amantesinha terna para dous mezes de noivado. Fleury, no meio do seu esparlhafato, architectou um idylio sereno, novo. Almoçou como um principe e quando a adivinhou prestes a partir, tirou da carteira, para pagar uma refeição de vinte e sete francos, uma nota roxo-azul de quinhentos francos.

Sahiram ao mesmo tempo. Desceram a pé os Campos Elyseos. O movimento de passeantes era descomunal. As crianças pulavam em verdadeiros torvelinhos de demonios sobre os pequenos carroceis aqui e ali espalhados junto a bouffets diminutos. Os lagos artisticos e bizarros jogavam ao ar, pelos aparelhos electricos, aguas multicores. Na praça da columna do Obelisco, o casal tomou um auto, direção Bois. Fleury seguiu-o, acompanhou-o tarde, ao Grand Hotel. E a essa hora, após os mais futeis pormenores, tinha completamente conquistado Andriseta, certo, certissimo de possuil-a em breve, como amante.

E possuio-a.

«Antes nunca a tivesse possuido.» Esta frase de Fleury define a qualidade d'idylio que foi o seu.

«Antes nunca a tivesse possuido.» Porque?...

Nos dias do seu inicio, esse amor, numa quietação

florescente mais e mais, vagueou entre os theatros, os restaurantes e os armazens. Na junção corporal, espatifou-se.

Para se encontrarem, Fleury e Andriseta tinham escolhido ninho em Chaussée d'Antin. Mobiliado com luxo, reinava n'êle uma atmosfera agradável, íntima: tapetes, quadros, marmores, veludos, rendas. Andriseta mudara de boa vontade a disposição dos moveis, com uma graça leviana que foi direita ao coração de Fleury, com uma graça quasi direi *traquejada*, pois traía o conhecimento esthetico d'isso a que os amantes denominam *jôgo local*. No centro do mimoso retiro, ella puzera um serviço finissimo de chá. Explicara: « Quando viermos aqui... beberemos o chá que farei... é chic... sentados nos tapetes... beberemos pela mesma taça!... »

No dia seguinte, radiante por possuil-a enfim, elle foi d'uma delicadeza extraordinariamente *inocente*. Mas que! Essa delicadeza bateu numa couraça assaz resistente. O sensualismo medonho d'Andriseta, ia até ao vicio. Andriseta era um monstro de voluptia.

O primeiro encontro foi o começo d'uma tortura pouco comum, d'uma tortura espaçada, escalada. É facil d'imaginar-se o estado d'espírito de Fleury, ao retirar-se com os ouvidos maguados por frases debochadas e devassas, frases acompanhadas de gesticulações, de beijos libidinosos, d'um satyrismo formidavel, de poses eroticas.

— Oh! como eu te amo! — gritava ella com os dentes cerrados, os olhos revirados — Oh! como eu te amo! como eu te amo!

Elle, o homem civilisado, sentio-se fraco e mesqui-

nho. O seu devaneio pedia cousa diferente d'aquela animalidade, pedia outros carinhos mais femininos... Êle, o homem civilizado, temeu ser estúpido, estupidificando-se, d'uma fraqueza d'espírito sentimental.

— Andriseta! Andriseta!

— Que é? Fala!

— Andriseta! Tenho medo de ti!...

— Ama-me então como eu te amo! A volupia, meu amigo, é a unica saudade que em nós pode restar dos velhos dias...

Onde aprendera taes cousas? Fleury desceu mais, com a sua intelligencia d'ela. De revelação em revelação, Andriseta surgira especimen rarissimo de deusa—vaca... De revelação em revelação Andriseta surgio como um typo, impondo-se, impando-se. Confessava:

— Os quadros que rememoram o Oriente, trazem a mulher ou ao lado d'um bode ou ao lado d'um velho satyro... Se eu pintasse faria a mulher entre os dous... muito pequenininha... Como é bom ser pequenininha!...

Enroscava-se nas cobertas, abraçava-o a ponto d'estalar-lhe os ossos. Nua no meio do aposento, segurando os bicos dos seios, desafiava-o:

— Contempla, Fleury! Onde, as tuas patricias, as tuas francezas? Qual d'elas poderá igualar a sua magreza á minha plastica brasileira? Qual d'elas terá o sangue quente como o meu sangue, o amor jovem como o meu amor? Qual d'elas gozará como eu gozo?... Eu sou bela... até na còr... No Brazil as mulheres mostram a volupia na pele morena... Eu sou do sul...

E ria muito, com um riso de lotus, delicado como um sorriso. . .

Fleury tambem ria para ser gentil; mas corroia-o uma tristeza aguda, uma indecisão mortal.

Andriseta, um dia, faltou á entrevista. Elle esperou num camapé durante a tarde, durante o principio da noute, durante longas horas infindaveis, pensando na amante, desde o seu conhecimento num restaurante dos Campos Elyseos, pensando na creatura que então imaginara naquela estrangeira de tão longe! — oh! tão longe, dezoito dias da França! — Julgara-a simplesmente ingenua, timida no beijo, pundonorosa no coito. Encontrara-a o oposto, afoita ao beijo, cynica no coito. Havia pois em todo o mundo as mesmas arvores que fructificavam sob a mesma devassidão! E Fleury com desgosto lembrava-se da sua theoria de mundano gasto: «a perfeição do amor está no vicio. . .»

Andriseta desculpou-se. O marido prendera-a para o five-ó-clock sabatico da condessa Rocha. Mas Fleury duvidou, avisado pelo setimo sentido dos passionarios. Desde então espionou-a, andando por onde ela andava, esgueirando-se pelos logares por onde ela transitava. Descobrio-lhe a primeira *traição*, em Montmartre, no fundo d'um d'esses cabarets excentricos protegidos pelos esposos amaveis e pelas esposas inconsolaveis. Andriseta, ao lado d'uma fantasia de Satan, mastigava sandwiches. O fantasiado ria delirantemente, cercado por uma roda alegre de mulheres que lhe pediam graças. E Andriseta com zelos, prohibia-o d'ir ao palco na extremidade da sala.

Oh! Ela dansara com o fantasiado, puxara-o com luxuria nos mil revoluteios d'um can-can, puxara-o com caricias para fóra, para um carro que os levara, depois... E Fleury assistira, escondido, envergonhado d'aquella sociedade presente, *mulheres honestas, aristocratas que se ao davam chiquismo ultra pulha de descer aos cabarets...* E mais uma vez a sua theoria de mundano desgostava-o sarcasticamente: «a perfeição do amor, está no vicio...»

Então, Fleury, superior para pedir satisfações a uma amante, suportou calado o seu desgosto — os seus desgostos — pois outros episodios mais ou menos obscenos, seguiram-se ao do cabaret. Andriseta já não dissimulava, já não apresentava excusas. «Não viera porque não pudera.» E ficara, realmente, ao lado de qualquer capricho passageiro: o contacto luzido e mal cheiroso d'um engraxate; a caricia pesada e gordurosa d'um marchante; a ligeira intimidade d'alguma amadora de Lesbos.

Porca! Porca! Porca!

Fleury amaldiçoava-a, só, no seu ninho d'estofos ricos. Desprezava-a finalmente, assediado por um ciume formidoloso, formidando. Uma porca! E o marido que a soltava em Pariz, — um porco! E o zelo de Fleury era tamanho que num impulso de resoluções honestas resolveu não procural-a, numa tarde d'entrevista. Ficou na sua casa de rapaz solteiro, lendo... procurando ler... O livro dansava-lhe na vista, uma saudade enorme fazia-o scismatico, quasi doente. Olhava o relógio, abandonando o livro: quatro horas... ela chegaria? Quatro e meia... cinco horas... As cinco horas, o chá...

Então, desvairado, encaminhou-se para a Chaussée d'Antin. Encontra-a-ia certamente a esperal-o, chorosa.

Mas tal não succedeu.

O edificio onde estava situado o retiro das entrevistas, possuia o seguinte exquisito casal de porteiros: uma velha lamurienta, lathronimpha, balofa; um velho, antes direi macaco, desegual, pequenininho, vermelho — nariz que furava espaços, beiços retorcidos cretinamente, orelhas grandes, rosto oleoso que luzia, fedia. Os dous degenerados repugnavam.

No corredor, a dez passos da entrada do abrigo, Fleury encontrou a velha que lhe tomou a dianteira.

— Arreda! — disse-lhe êle.

— Não. A patroa não está!...

— Então porque me tomas o caminho? Sae, velha estúpida...

Jogou-lhe um pontapé, galgou em dous pulos a distancia até á porta. Empurrou-a. Na cama, — adiante, num quadro que lhe ferio immediatamente a vista — Andriseta abraçava-se ao porteiro — o velho odiento, mostrengo. Fleury estacou, frio, aniquilado. Andriseta soltou um gritinho zoante.

— Como!... Como!...

E sem mais preambulos êle se revoltara, com esta unica exclamação.

Andriseta então, muito séria, obtemperou:

— Porque não vieste?... És culpado!... Tu!...

E...

Fleury possuido d'um nojo maldito, deu-lhe as costas, fugindo, descendo.

\*

\*      \*

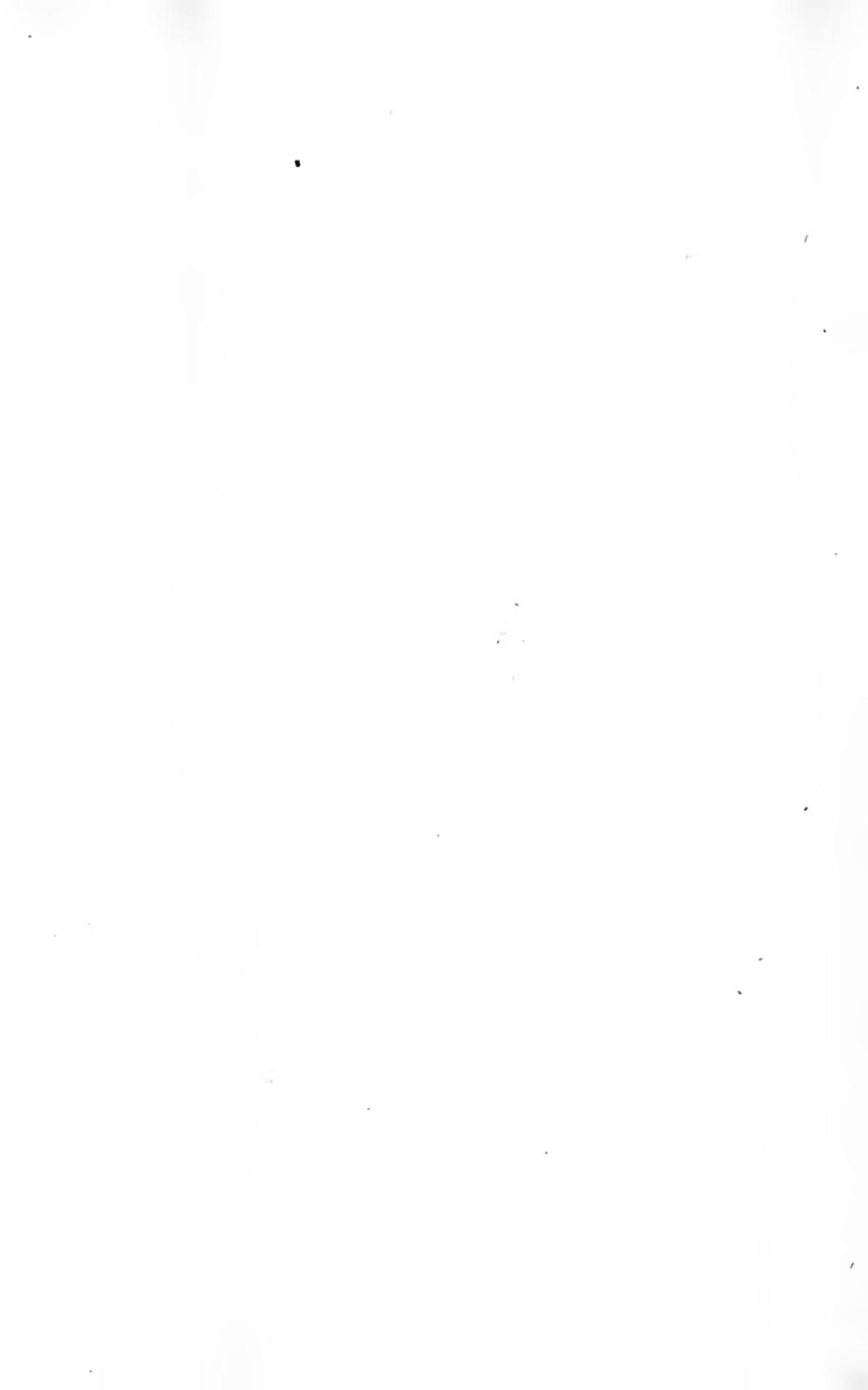
Ao terminar a narrativa da sua desgraça, Fleury pedia-me d'olhos suplices que esquecesse as palavras d'outrora, pelas quaes se batera. Era um desiludido, indifferente. Não se preocupava mais com saias. O amor, entretanto, não passava d'uma imundicie — todo, qualquer amor...

— Viste o exemplo... Eu, captivo d'um typo lendario no qual julgava poder encontrar o que me entretivesse num sonho... E... zás!...

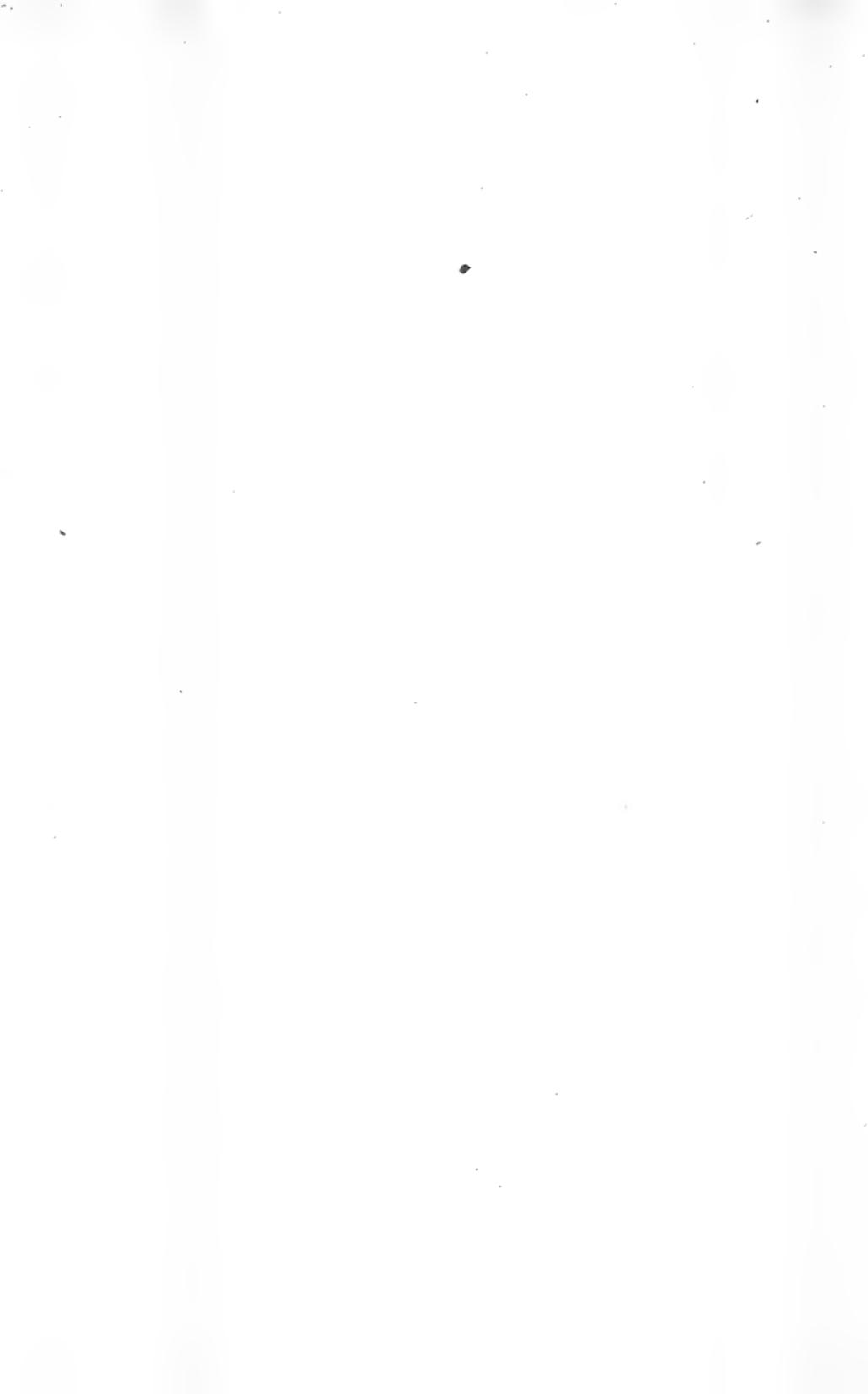
Depois, pausado, sincerissimo:

— É inacreditavel, comtudo... numa brasileira!... oh!... é muito, muito forte!...

Aix-les-Bains — Agosto, 1911



# INDICE



## INDICE

---

|                                   | PAG. |
|-----------------------------------|------|
| Bruno Ragaz, anarchista . . . . . | 9    |
| Em Meudon . . . . .               | 19   |
| O Sapatinho . . . . .             | 27   |
| A inscrição piedosa . . . . .     | 37   |
| Sua esperança . . . . .           | 47   |
| Uma verdade. . . . .              | 57   |
| Mam'zelle Glu-glu . . . . .       | 63   |
| Sua melhor amiga . . . . .        | 83   |
| Lição proveitosa . . . . .        | 93   |
| O numero 1.317 . . . . .          | 103  |
| O anel . . . . .                  | 113  |
| O crime razoavel. . . . .         | 121  |
| O momento . . . . .               | 131  |
| Amor e vicio. . . . .             | 145  |

---

# ULTIMAS EDIÇÕES

DE

## Magalhães & Moniz, L.<sup>da</sup>

11, Largo dos Loyos, 14 — PORTO

### Almachio Diniz

**Sociologia e Critica** (Estudos, Escriptos e Polemicas)—1 vol. de 412 paginas . . . . . 800  
**Moral e Critica**—1 vol. . . . . 800  
**Sciencia e Critica** (a sahir do prelo).

### Conselheiro Ruy Barbosa

**Discursos e Conferencias**—1 vol. de 558 paginas, bella edição, br., 1\$500; enc. em capas espezias . . . . . 1\$800

### Euclides da Cunha

**Contrastes e Confrontos**—3.ª edição, com um estudo critico do Dr. Araripe Junior. Prefacio de José Pereira de Sampaio (Bruno) e um artigo biographico de João Luso.—1 vol. br., 80); enc. em capas espezias . . . . . 1\$000

### Rocha Pombo

**Contos e Pontos**—Um grosso volume in-8.º . . . . . 500

### Salles Lima

**Sonatinas** (Versos)—1 vol. . . . . 600

### Silva Pinto

**Saldos**—Critica á vida social e politica.—Um volume. . . . . 600

### Léon Poinsard

**Portugal Ignorado.** Um elegante volume. . . . . 600

**Apontamentos sobre os Lusíadas,** por um *curioso obscuro*. 1 vol. 2\$500

### Camara Lima

**Aguas passadas**... — 1 vol. . . . . 600

## BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

(ASPECTOS DO PENSAMENTO HUMANO :  
 DIVULGAÇÃO SCIENTIFICA, PHILOSOPHICA E LITTERARIA)

Volumes mensaes de 200 a 250 paginas, in-8.º, magnificamente impressos.

Preço d'assignatura em Portugal

Uma serie de 6 volumes . . . . . 1\$600  
 „ „ 12 „ . . . . . 3\$000  
 Preço de cada volume, avulso. . . . . 300

Franco de porte.

Para o estrangeiro accresce o porte de 50 reis por volume.

### VOLUMES PUBLICADOS

— **A Tristêza Contemporanea**, por H. Fierlson-Gevaert.  
 II, III e IV — **Os Grandes Iniciados**, por Edouard Schuré, 3 volumes.  
 V — **A origem do homem**, por Charles Darwin.  
 VI, VII e VIII — **Deus na Natureza**, por Camille Flammarion

IX — **A evolução das sciencias**, por Houllevigne.  
 X e XI — **A Biblia da Humanidade**, por Michelet. 2 volumes.  
 XII — **Leis Psychologicas da Evolução dos Povos**, por Gustavo Le Bon.  
 XIII e XIV — **Historia Social: O Povo**, por Michelet.  
 XV, XVI, XVII, XVIII, XIX e XX — **Historia da Revolução Franceza**, por Edgar Quinet.

Volumes a publicar já traduzidos

**Os Super-Homens**, por Emerson.  
**A Allemanha**, por Jules Huret.  
**Assim fallou Zarathrusta**, por Nietzsche.  
**Do que provém a superioridade dos Anglo-Saxões**, por É. Desmoulin.  
**Além Mar**, por Paulo Bourget.  
**Philosophia da Arte**, por Taine.  
**Os Heroes (o culto dos Heroes, o Heroico na Historia)**, por Carlyle.  
**A Consciencia Nacional**, por H. Berenger.



**E**

**C**

**TI**